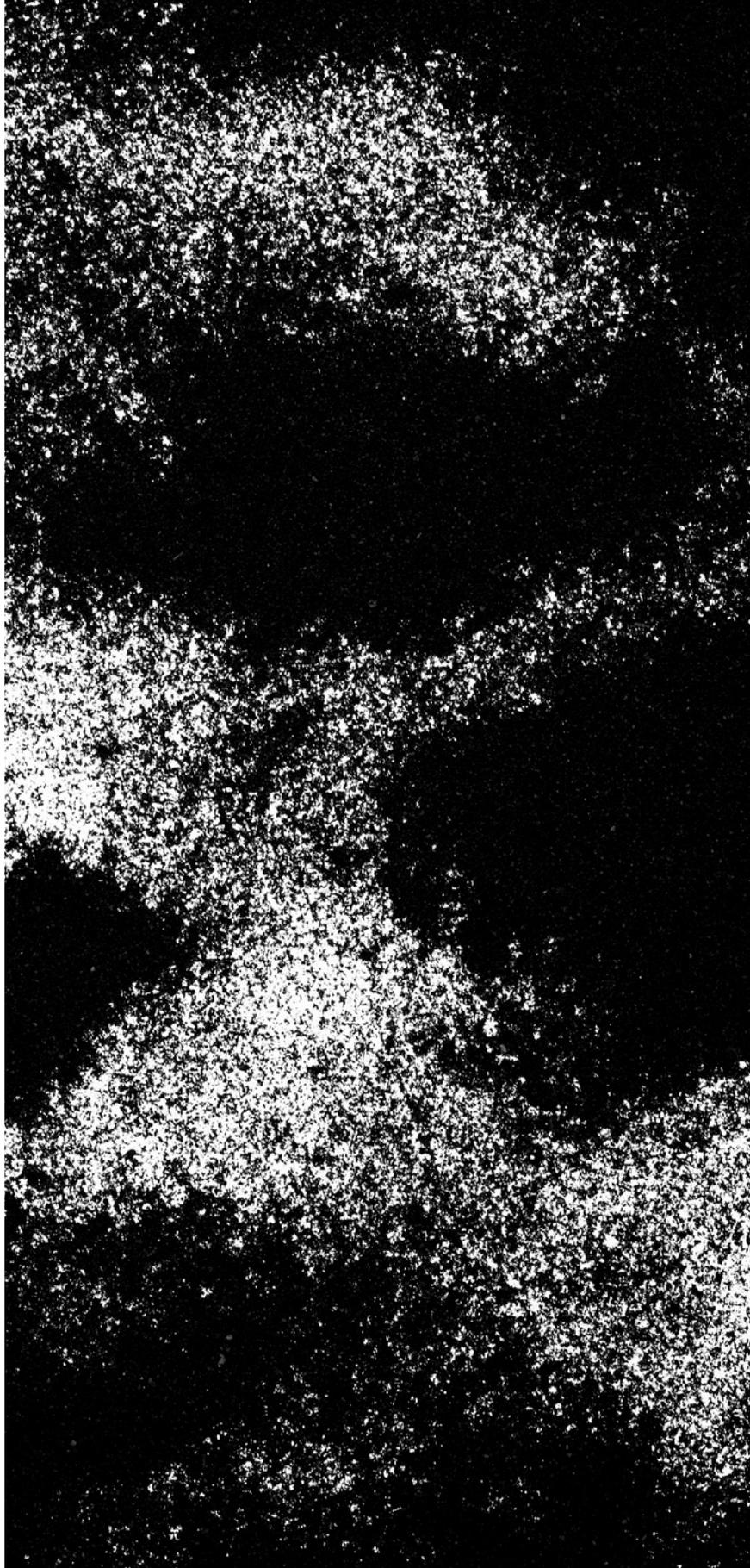


RETRATOS QUILOMBOLAS

Centro
Cultural Vale
Maranhão





RETRATOS QUILOMBOLAS

Centro
Cultural Vale
Maranhão



6 VIVÊNCIA NOS QUILOMBOS

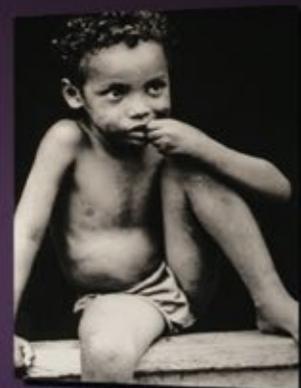
10 SOBRE SER ORIGINAL E ORIGINÁRIO

20 RETRATOS QUILOMBOLAS

96 ENGLISH TEXTS

110 FICHA TÉCNICA

RETRATOS QUILOMBOLAS



1998, Rio de Janeiro, Brasil

1998, Rio de Janeiro, Brasil

1998, Rio de Janeiro, Brasil

VIVÊNCIA NOS QUILOMBOS

A experiência de trabalho socioeducativo e de contato com as famílias das comunidades quilombolas é algo profundamente transformador. Ao longo dos anos, depois de muitas idas e vindas, do privilégio de acompanhar as mudanças das fases da lua no céu em meio a noites onde as estrelas pareciam próximas de nós, de participar do simples ritual de sentar na beira da porta de casa no final do dia aos festejos que resultam da perseverança na manutenção dos ritos de herança africana, fomos impelidos a fazer parte de uma irmandade muito antiga.

Pouco a pouco nos sentimos mergulhando em um universo que nos chamava a adentrar, a perceber, a reconhecer a complexidade da vida quilombola. Esse chamado estimulou o aprofundamento do nosso trabalho, gerando uma transformação que veio por meio da troca de afetos, da descoberta da tecitura dos laços familiares, da emoção ao ver a alegria vibrando no rosto das crianças ao aprender e reconhecer os sons do berimbau e a ginga da Capoeira Angola.

No jogo do aprendizado misturamos os papéis de professores e alunos, guiados pelos mestres e mestras do lugar, na vivência de um cotidiano cujo ritmo não tínhamos domínio.

As fotografias que realizei, presentes nesta exposição, retratam cenas das atividades desenvolvidas pelo Mandingueiros do Amanhã, assim como imagens do cotidiano nas comunidades. Estas são um registro espontâneo, permeadas mais pela emoção do momento do que por qualquer técnica ou conceito artístico.

Apresentá-las aqui é uma forma de perpetuar esses momentos e, ao mesmo tempo, expressar gratidão por ter vivido e feito parte da história dessas comunidades que tanto nos ensinaram e continuam a nos ensinar através do seu exemplo de luta e resistência.

Valdira Barros
Fotógrafa / Mestra de Capoeira



SOBRE SER ORIGINAL E ORIGINÁRIO

Os índios são os primeiros indígenas do Brasil. As terras que ocupam não são sua propriedade – não só porque os territórios indígenas são “terras da União”, mas porque são eles que pertencem à terra e não o contrário.¹

— Eduardo Viveiros de Castro

As populações negras brasileiras, quilombolas ou não, em sua diversidade, são originais e originárias. E assim o é, porque a condição de originalidade é dada pela conformação do território, regida por configurações internas próprias, sendo os limites espaciais e simbólicos estabelecidos pela cultura em seu amplo movimento de dar sentido ao vazio do mundo. Hoje, mais do que nunca, a cultura, perpetuada em seus traslados pela ancestralidade, é uma peça-chave para a compreensão e garantia de direitos básicos do cidadão, num país que se fez e existe, ainda, sobre bases coloniais aplicadas contra o cidadão. De maneira mais simples, para todos aqueles que cotidianamente têm o seu direito de existir violentado, a resistência só é possível, gerando, de forma original, novas formas de estar no mundo a partir de uma nova cultura. Isto é, estar dentro.

O branco, por sua vez, não pode ser considerado originário, neste contexto, pois estando no centro do que se estabeleceu como hegemonia, colocou-se fora e conduziu a ordem alienante em relação ao planeta, tornando-se, como Viveiro de Castro bem localiza, um alienígena do território. O alienígena não produz cultura.

Normalmente, quando a palavra ‘originário’ é utilizada, imaginamos de pronto as comunidades e populações indígenas que aqui estavam antes da invasão dos colonizadores europeus. Esse fato é inegável. Originalmente, quem habitava as terras do que chamamos Brasil eram aqueles que outrora, em suas línguas, as nomeavam, ou seja, davam sentido a elas por meio da cultura. No entanto, a partir do ponto de virada, que por ser colonial é criminoso, o conceito de origem toma novas formas e propósitos dentro de narrativas resistentes. Assim, não seria prudente encarar a origem apenas como ponto espaço-temporal fixo, se considerarmos a capacidade humana de organizar o mundo. Antes, origem é a confluência pendular entre originar e ser originado, original e originário, ou seja, do movimento de transformações necessário para a manutenção da vida. Tudo o que é contrário à sustentação da vida não pode ser considerado original e originário, pois tem como objetivo a morte em seu sentido mais mórbido, sem lacunas e brechas para o movimento. Quando há paralisia, é impossível originar. Não por acaso, os povos indígenas são chamados e se autodenominam originários, insistindo em produzir vida original, apesar dos assaltos e genocídios que sofreram – e ainda sofrem – ao longo da história.

Integrar a origem aos desejos e movimentos da cultura que se transmite ancestralmente, amplia o espectro de análise, gerando outras perspectivas para repensar as fundações do mundo, do surgimento ao declínio das instâncias do estado, da nação, e sobretudo ajudar a entender os dispositivos que são utilizados para a alienação da originalidade. Sequestrar esses instrumentos ideológicos não é tarefa fácil e requer olhar crítico sobre as formas de construção pautadas na violência e no roubo, bem como a identificação daquilo que é de direito, seja o território físico ou simbólico. É preciso achar o ponto de inflexão das instâncias *originárias* e *originais*.

O movimento de apropriação e desvalidação das populações originárias aconteceu, em boa parte, por meio de um único dispositivo de alienação: o entendimento colonial sobre o território e soberania. No que ele consiste? Projetar e estender a todos e a tudo uma visão centrada, universal e generalizante sobre o mundo. Ou seja, na estratégia do colonizador, a existência dos sujeitos e coisas só é possível a partir de um único referencial: o de quem domina. A rejeição de qualquer campo simbólico divergente garantiu, assim, a apropriação das terras e dos corpos daqueles que tiveram sua autonomia espoliada. A separação das instâncias, a partir de um ponto de vista sintético, desconsiderou estrategicamente a possibilidade da existência de outras noções sobre o que poderia ser o território em detrimento de uma ideia de soberania. Por se pensar



soberano, o colonizador, a partir da visão teológica instrumentalizada, pretendeu sequestrar a origem, já que *a priori*, ele a detém por direito, enquanto ser deificado. A origem sou eu, pensa o colonizador. < *Deus Salve a Rainha* > está gravado nas notas e moedas.

Hoje, a soberania estatal colonizadora não chega mais de caravela. Perpetua-se na forma do capital soberano – *deus* que não pede licença, perdão ou permissão, engole terras, desnobre, explora. Assim, advogar por outras realidades é de suma importância. Situar as populações negras como originárias, ao lado dos diversos povos indígenas, comunidades ribeirinhas e outras populações que se encontram na mira do poder, é uma forma de resgatar o lugar de origem, bem como sinalizar a brecha e a alternativa para o movimento vital. Elas possuem um bem precioso: a dúvida que suspende o que está posto, questiona o *a priori* e oferece, a quem quiser se juntar à luta, a possibilidade de originar novamente.

O TERRITÓRIO

O mundo moderno eurocentrado baseou-se no limite de cercamento em um duplo sentido: primeiro, tudo aquilo que estivesse dentro dos limites territoriais e jurídicos do conglomerado de países que se reconheciam soberanos serviu como padrão da evolução civilizatória e do progresso. Para o que estivesse fora desse campo de reconhecimento, só restava o oposto discursivo – terra de ninguém, primitiva, incivilizada, selvagem e atrasada – que garantiu a livre ação da conquista justificada pelo avanço que só seria possível, evidentemente, com a naturalização da violência para fora dos limites territoriais do invasor, comportamento esse que, dentro de casa, pela lei, jamais seria permitido. O suposto *fora* garantiu que os de dentro pudessem liberar seus desejos e comportamentos mais vis, já que estavam para além dos limites do naturalmente reconhecível, ainda mais se pensarmos na ideia da soberania sem cara do Estado-nação. O embate não tinha rosto, pois dizia respeito à ordem soberana atribuída ao território. Portugal não se relacionou com os índios, porque não era esse o objetivo da *descoberta*. Como resultado, em ambos os casos, indígenas e negros tiveram suas terras profanadas e, como *foras-da-lei*, seus corpos subtraídos e escravizados. Ao final, embora o curso da história para os diferentes povos originários da terra tenha sido distinto entre as vítimas, todos os não-brancos foram amputados na base de sua existência. Em sua relação com a terra, foram tirados de contexto, empurrados, desterritorializados.

No caso, por conceber o território concretamente como domínio, a partir da lógica produtiva e do acúmulo, como extensão do Reino, do Estado-nação, sob uma lei, o colonizador português, utilizando-se do artifício naturalizante da narrativa garante a tomada de posse *como descoberta*, e não *invasão*. Ou, no que tange às tratativas das relações com a África, funda feitorias, o que colocou o outro sempre em detrimento

do dominador, no curso da formulação das ideias civilizatórias que vão desaguar muito rapidamente no conceito de progresso, tendo como base o *grau* de desenvolvimento cultural expresso, dentre outras formas, na ocupação do espaço. Essa visão sobre a terra certamente não é a mesma de seus reais donos. No contexto brasileiro, fatiou-se vastas extensões em propriedades privadas ideais para o Estado, que ignorou e expulsou, *pela fé*, quem *naturalmente* não pertencia a ele; ou arrematou súditos, determinando a forma e o lugar que estes ocupariam no Reino. Como extensão do território, os corpos também sofreram o retalhamento, e assim como as terras, receberam a marca na carne. A imposição da soberania ao território invadido significou a prescrição do *nomos*, ou seja, do *éthos* que determinava o que ocorria no seio do território colonial para que perdurasse enquanto tal (daí a noção perversa de patrimônio *pater + nomos*).

A cartada final foi a dissociação corpo/território, alienando os sujeitos da base espacial de sua origem. Essa oposição diz muito a respeito da escala e forma de atuação sobre o território, o que faz pensar nos espaços de origem. Por um lado, aquele que está separado, fora e extraí, sujeita e desconstrói – *proprietário da terra*; por outro, aquele que está dentro e constrói a compreensão complexa, mítica e original sobre o território – *propriedade da terra*². Por um lado, a exploração, exaustão e a escassez dos recursos, por outro, a produção dos mais diversos sentidos a partir da terra que se habita e que se percorre, abundância e geração de cultura, já que *cultura*, em sua origem vernacular latina, significa *cuidado*.

Assim, quando quilombolas, indígenas, ribeirinhos, favelados e outros reclamam a propriedade territorial, sobretudo em um mundo pautado pela discursiva dos direitos humanos, fazem-no não apenas no intuito de se acomodarem para recuperar os direitos básicos da *cidadania* que lhes é estendida a preços altíssimos, mas pela possibilidade de existência. Reclamam a autoria sobre a criação do sentido da terra que os define, reclamam o valor das experiências – terras e vidas que não cabem no *nomos* imposto, ainda mais quando ele é determinado para que não caiba e se mantenha às margens. Assim, o reclame é pelas condições de *originariedade* e *originalidade* das pessoas que num movimento simbiótico com a terra a constroem e são construídas por ela, tendo como base, *a cultura*.

A CULTURA

A cultura brasileira é essencialmente negra e indígena. Para os que insistem em dizer o contrário, vamos enumerar uma série de expressões e produtos que foram eleitos para definir a imagem da *Nação* e, por se efetuarem a partir do trabalho, foram originados pelas classes trabalhadoras, constituídas em sua maioria pelas populações negras e indígenas.

Na culinária, temos a tapioca, o beijú, a farofa, o cuscuz e o cuxá... o peixe moqueado, a moqueca, o acarajé, o vatapá, o caruru, o tucupi,

o tacacá, o pirão, o chimarrão, a maniçoba, a feijoada, as galinhadas, incluindo o xinxim, sem falar do bobó, do sarapatel e do abará... os doces de coco, a pamonha, a goiabada e as frutas em calda... os bolos de goma, de carimã, de fubá, a paçoca e o mungunzá. E por aí vai, deixando claro quem produz a fartura.

Na música, não foram criadas apenas canções da mais fina poesia e melodia, mas antes, fundados estilos, ritmos e movimentos musicais: o samba, o funk, o carimbó, o frevo, o forró, o xaxado, o xote, o baião e o maracatu, sem falar na ciranda e no axé. São exemplos que tiveram, como seus compositores e intérpretes, apenas os grandes: Alcione, Jovelina Pérola Negra, Dona Ivone Lara, a insubstituível Clementina de Jesus, a cristalina Clara Nunes. Temos Ângela, Dolores, Dalva, Alaíde, Elizeth e a mulher do fim do mundo – Elza... temos Gil, Milton, Jorge Ben, Djavan. Temos Tim Maia e Moacir Santos. Temos Cartola, Luiz Gonzaga, Lupicínio e Jamelão... Nei Lopes... Temos Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, Carlos Gomes, que escreveu a ópera brasileira mais famosa, não por acaso, *O Guarany*.

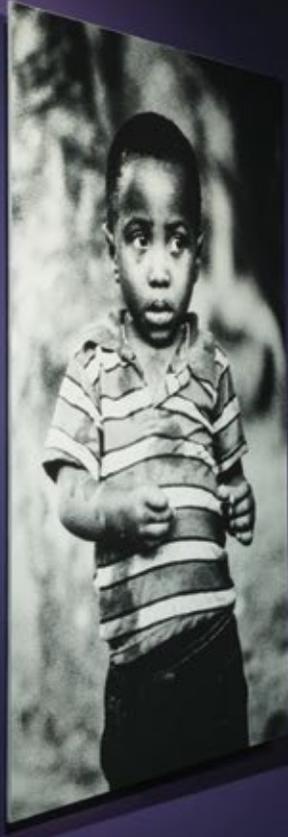
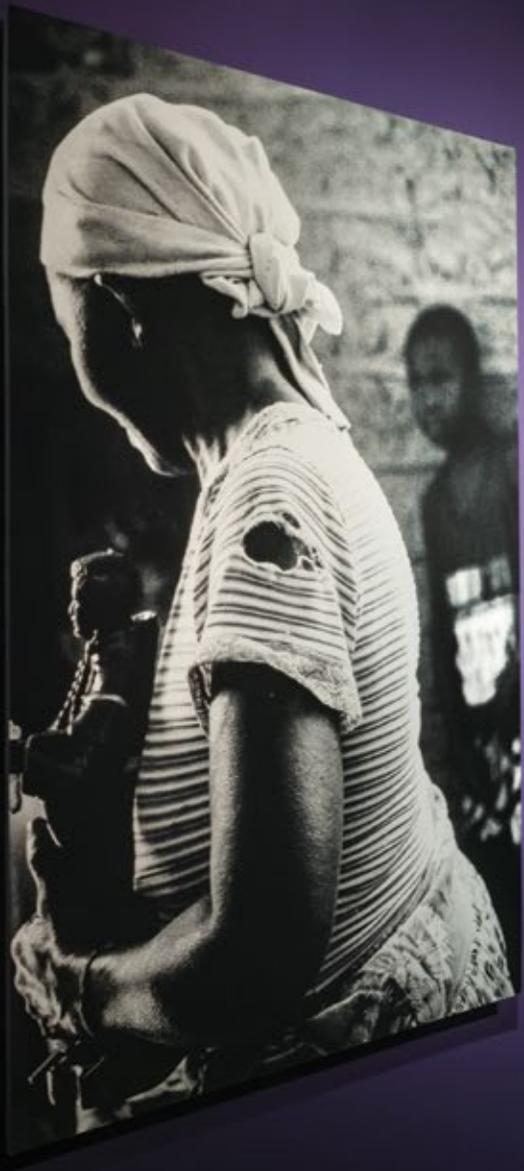
Dentre os escritores, Maria Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Cruz e Souza, Solano Trindade, Lima Barreto, Castro Alves, Abdias Nascimento, Conceição Evaristo, Daniel Munduruku. Temos o grande Machado de Assis. Clássicos, pois atravessaram os tempos, em atualidade. E os pensadores libertários: Luís Gama, Milton Santos, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento. Temos Eliane Potiguara e Taiguara... David Kopenawa e Ailton Krenak.

Nas artes visuais, plásticas e fotografia, temos: Arthur Timótheo da Costa, Estevão Silva, Wilson Tibério, Rubem Valentim, Di Cavalcanti, Mestre Didi, Emanuel Araújo, Dalton Paulo, Bauer Sá, Rosana Paulino, Sonia Gomes, Maria Auxiliadora, Walter Firmo, Heitor dos Prazeres. Arthur Bispo do Rosário... não esquecendo daqueles que fundaram o barroco brasileiro, único no mundo, porque negro: Aleijadinho, Mestre Valentim, Mestre Ataíde e outros que foram apagados pela escrita-histórica enviesada.

Arte indígena, pelo requinte, é uma categoria por si só!

E tudo isso coroado pelos artistas e poetas populares, muitas vezes sem nome, mas que criaram os cordéis, as modinhas, as danças e festejos populares como o Jongo, o Congado, o Bumba-Boi, a Marujada, o Cavalo Marinho, o Ticumbi, os Reisados, as Cavalhadas, muito pautados na fé que transforma as bases da igreja instituída, como ocorre com o catolicismo popular. Estas festas conformam ainda as religiões afro-brasileiras, criadas em *território nacional*, a partir da experiência deslocada de muitos povos, como a Umbanda, o Candomblé e todas suas nuances, a Quimbanda, o Terecô, a Mina, o Batuque, o Santo Daime e outras mil vertentes religiosas pautadas em ritos, imagens e entidades, frutos do encontro com aquilo que provém da terra.

Todo esse universo ainda é sustentado pela produção material, maneiras de ver e transformar o mundo a partir da concretização e do



uso das coisas, conferindo beleza. O artesanato das rendas, bordados, tramas, do trabalho do couro, da marcenaria... a náutica... as mil soluções arquitetônicas... retalhos de uma colcha que recobre os corpos na produção da vida resistente.

O carnaval e o futebol, meu deus, como esquecer.

Por injustiça da urgência, seria impossível nomear todas as contribuições que não deixam de surgir, pois a vontade de existência, nas camadas populares e, portanto, nas populações essencialmente negras e indígenas, converge com a necessidade de produção de cultura. É um eterno originar o próprio lugar, fazer-se originário.

A cultura é, assim, o instrumento de reclamação e interlocução com que está posto, dentro das possibilidades de movimento de um mundo conformado. Movimento de conformismo, mas de resistência, em molde trágico, como tão bem coloca Marilena Chauí.³

A cultura, por último, carrega a ancestralidade, conceito de complexa definição, mas que, aqui, vamos considerar como a impressão do mundo criado pela memória, na e pela carne. Foi através da memória viva que as populações deslocadas de seu lugar conseguiram criar, recriar, fundar e originar uma cultura afro-indígena-brasileira. Se entendermos que corpos cheios de sentido atravessaram o Atlântico e se estabeleceram, na urgência, em um novo território a partir de sua ancestralidade, compreenderemos onde mora a originalidade e originariedade da comunidade negra na fundamentação do que chamamos de país. Compreenderemos que um mundo foi ressignificado a partir da terra e da experiência com ela estabelecida.

O conceito de origem, hoje, deve ser uma retomada. A *originalidade* e a *originariedade* precisam ser reclamadas por todos os povos originadores, ou seja, aqueles que fundam e constroem outra perspectiva de mundo com mãos e pensamentos ancorados na ancestralidade. Enquanto marco dos discursos resistentes, o conceito de origem só é possível no movimento, a partir da situação exata de outro momento que não foi a própria origem, mas antes, origem ficta, quebra criminosa pautada na violação dos corpos e alienação dos mundos e do *a priori*. Existe, no resgate do sentido de origem, o reavivamento da luta a partir de outra ordem narrativa. Retomar as construções míticas e históricas narradas e escritas pelos agentes até então alienados do discurso imposto é uma possibilidade de resgate dos sentidos de originalidade, territorialidade e soberania de fato.

É evidente que o quilombo, a favela, a maloca, as palafitas, os povoados e aldeias possuem histórias de formação e vidas diversas: só é possível originar dentro desse amplo espectro, e assim fincar pé, enquanto donos da cultura e do território cotidianamente engolidos pelo estado de mão única.

Gabriel Gutierrez
São Luís, dezembro de 2022

1 CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Os Involuntários da Pátria*, Aracê – Direitos Humanos em Revista, Ed. Cla, São Paulo, 2017.

2 *Idem*.

3 CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1994

RETRATOS QUILOMBOLAS

A exposição « Retratos Quilombolas » nasceu do desejo do encontro com pessoas, almas, paisagens que dizem muito sobre quem somos e que comportam uma parcela significativa da riqueza identitária brasileira.

Nasceu da vontade de pisar no solo desses territórios de piçarra vermelha, de babaçuais que ressoam cantigas de trabalho durante a quebra do coco babaçu, de gente que se reúne para feitura da farinha de mandioca, das vozes que entoam melodias durante as festas de promessa, da roda do tambor de crioula e da dança do coco, evocando cânticos que remetem a outros tempos e lugares.

A força dos territórios quilombolas é sustentada por elementos concretos, materiais, que nos mostram um modo de vida ancorado em labores ligados à terra, mas também por elementos imateriais constituídos por energias sustentadas pelos poderes encontrados nas plantas, na mata, nos rios e por uma espiritualidade com moradia em espaços indizíveis.

O gênero de fotografia classificado como retrato foi e ainda é comumente usado como uma referência da identidade do fotografado. Durante muito tempo no Brasil, inclusive para muitas populações do meio rural, a experiência da fotografia era sinônimo de « tirar retrato », ou seja, se deixar retratar com o objetivo de produzir uma imagem para um documento oficial, via de regra, a carteira de trabalho ou de identidade.

As fotografias dos escravizados feitas no Brasil com o advento da fotografia em nosso país mostram imagens impregnadas de um olhar influenciado pelo eurocentrismo, apresentando estes como uma « peça » fixa, congelada, isolada do seu contexto de vida e rementendo quase sempre a um exotismo exarcebado. Aos fotografados eram retirados o direito de sorrir e de se expressar de maneira espontânea.

No contexto atual, onde as comunidades negras rurais quilombolas têm que lutar de maneira permanente pelo seu direito histórico de existência, as imagens que compõem esta exposição são o testemunho de olhares, semblantes que possuem uma força transmutada no desejo de preservação dos seus territórios e de suas identidades particulares.

Sair da « invisibilidade » torna-se cada vez mais crucial em um momento de retrocesso das políticas públicas em relação às comunidades tradicionais brasileiras e as imagens fotográficas podem contribuir para isso.

As fotografias propostas nesta mostra são um convite a um encontro, a um diálogo de olhares : o olhar de quem fotografou, o olhar de quem vê e o olhar de quem é visto.

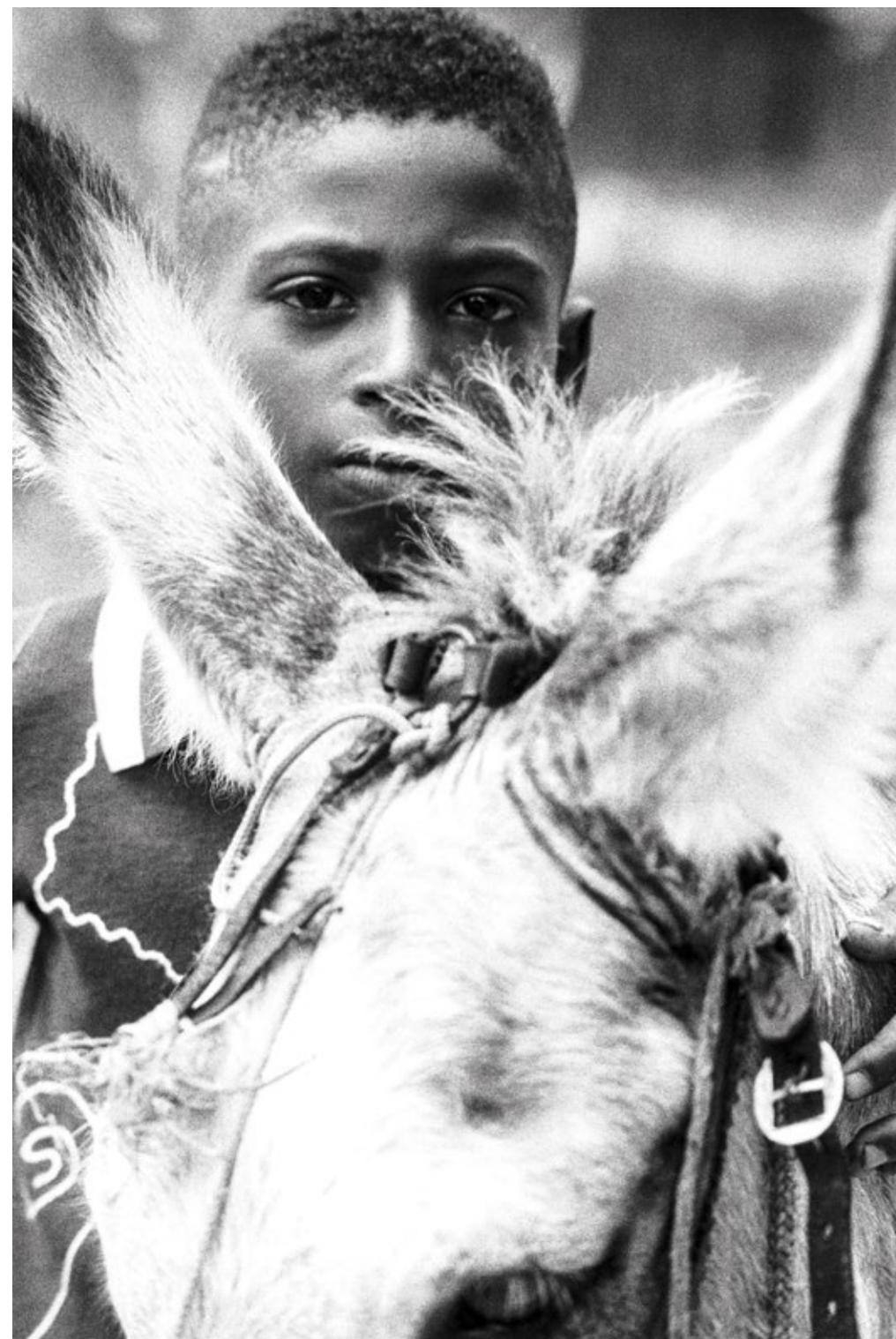
A exposição é composta por 51 imagens, dentre as quais um conjunto de retratos realizados por mim especialmente para essa mostra e uma série de fotografias feitas por Valdira Barros, no contexto da experiência dos projetos de Capoeira Angola desenvolvidos pelo Centro Cultural Mandingueiros do Amanhã nas comunidades quilombolas de Santa Maria dos Pretos e Santa Joana, localizadas no Vale do Itapecuru, Maranhão.

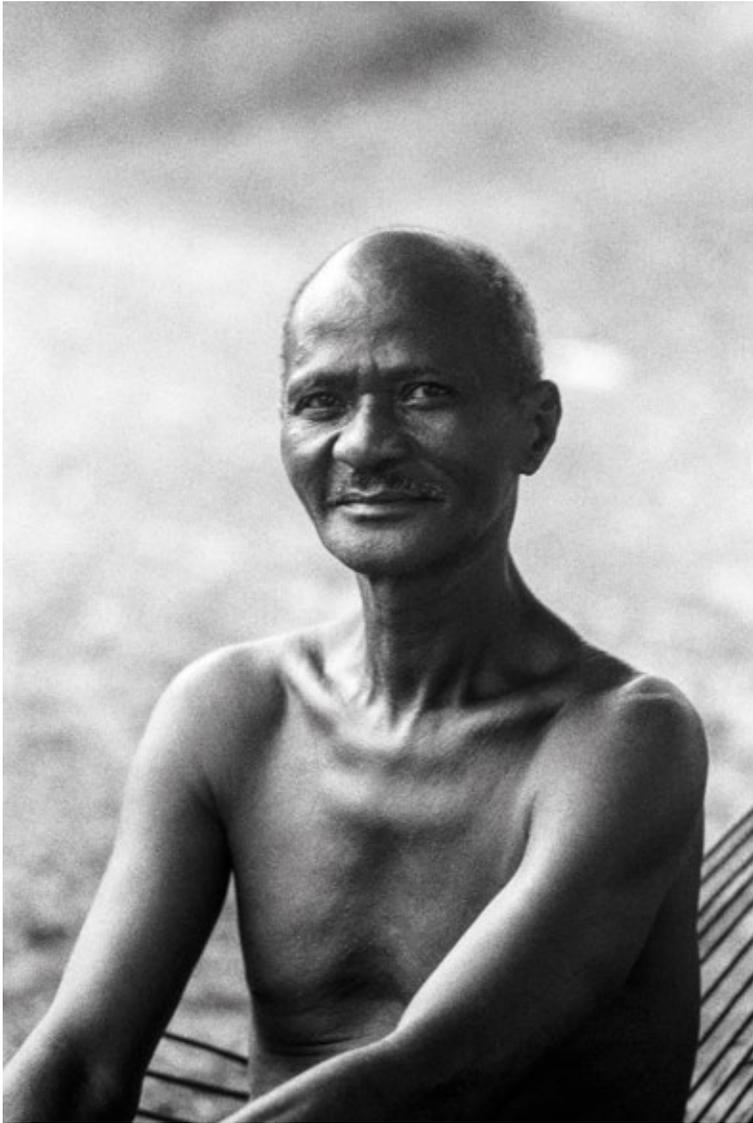
Val Barros
Fotógrafa e Curadora



[página anterior] **Daniel** |
Comunidade Quilombola
de Santa Maria dos Pretos |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

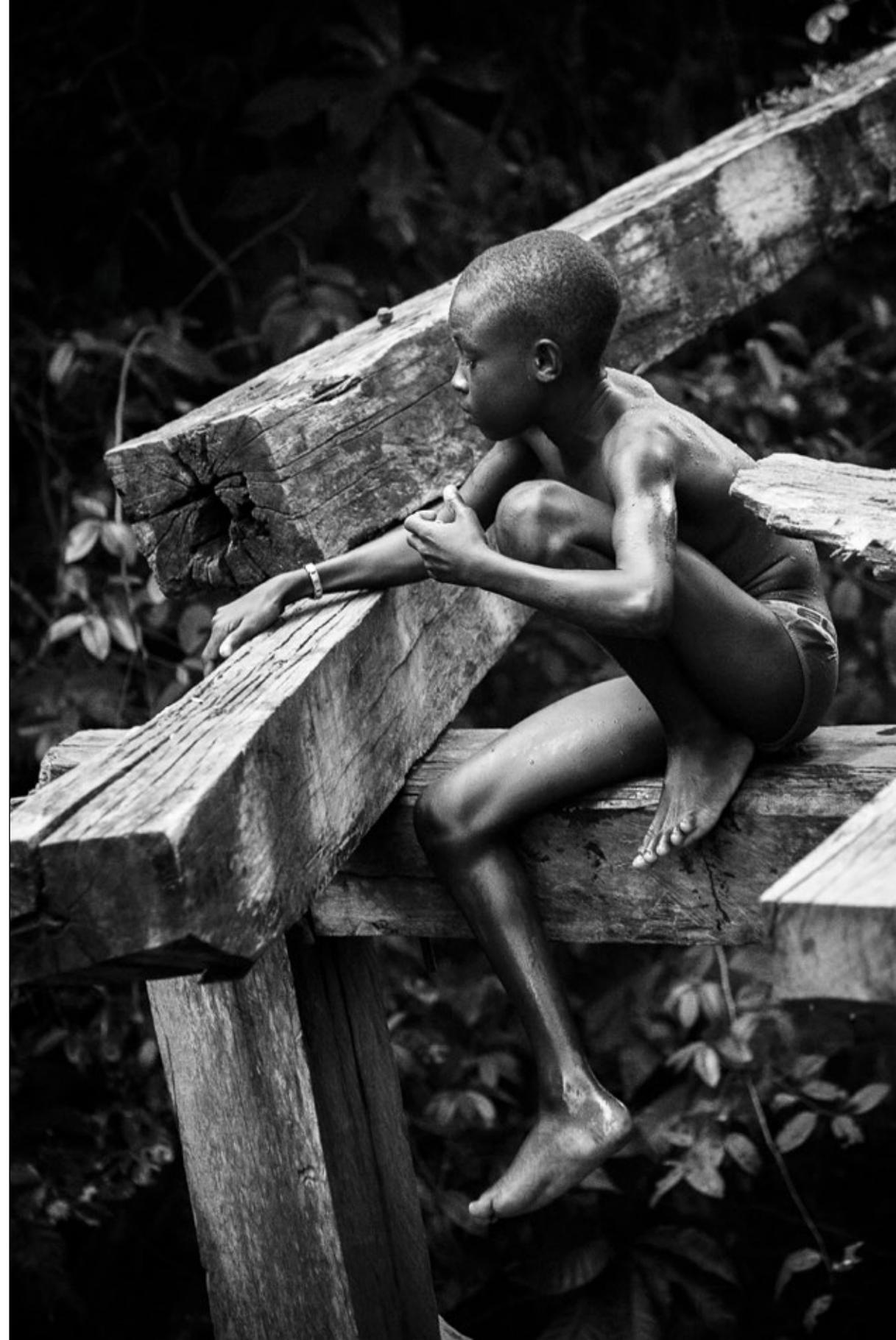
Cauã | Comunidade
Quilombola de Santa Joana |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros





Justino | Comunidade
Quilombola de Santa Maria
dos Pretos | Maranhão, Brasil,
2018 | Fotografia: Val Barros

Eudes | Comunidade
Quilombola de Santa Joana |
Maranhão, Brasil, 2016 |
Fotografia: Valdira Barros

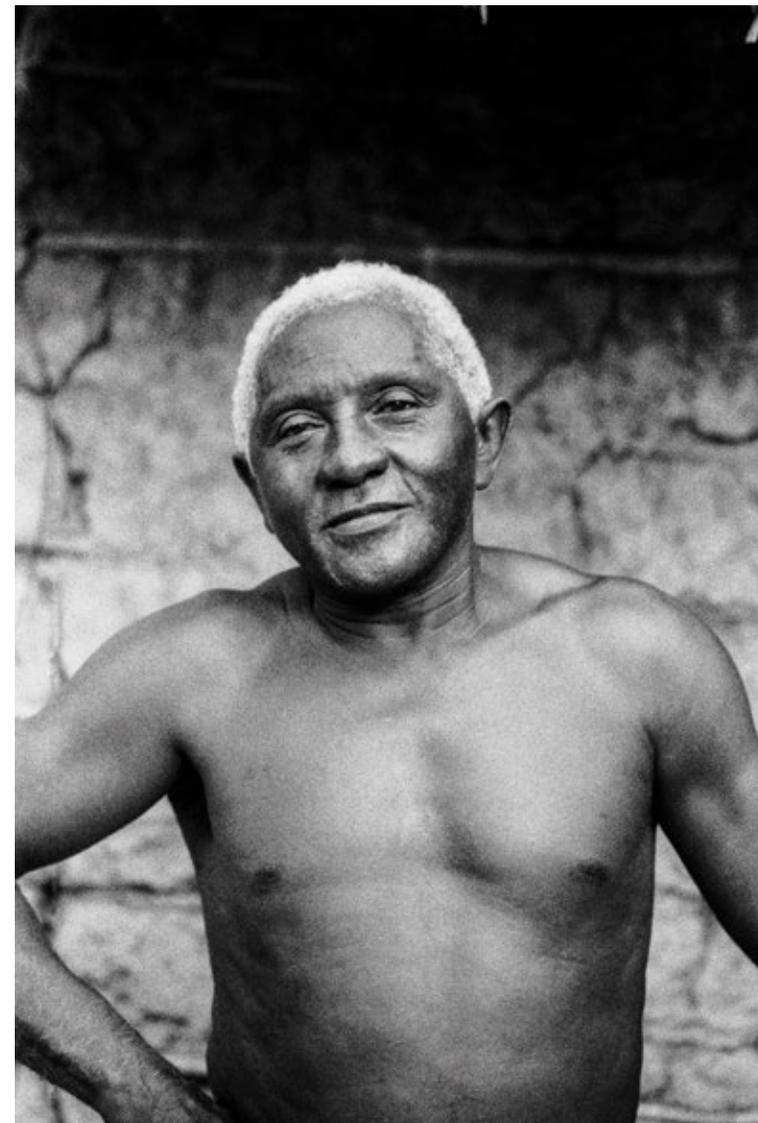




Edvania | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

[próxima página] **Rodrigo** | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

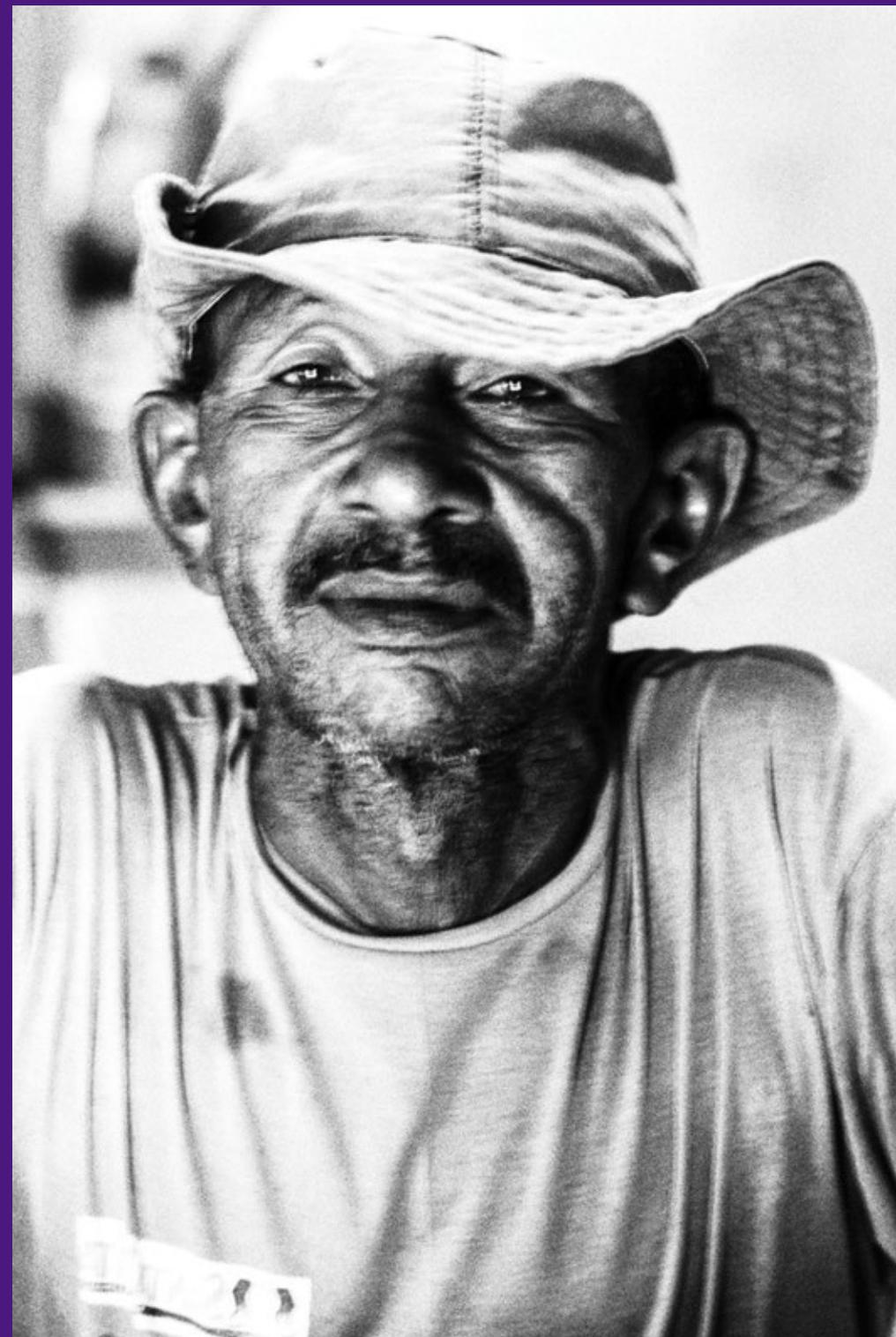


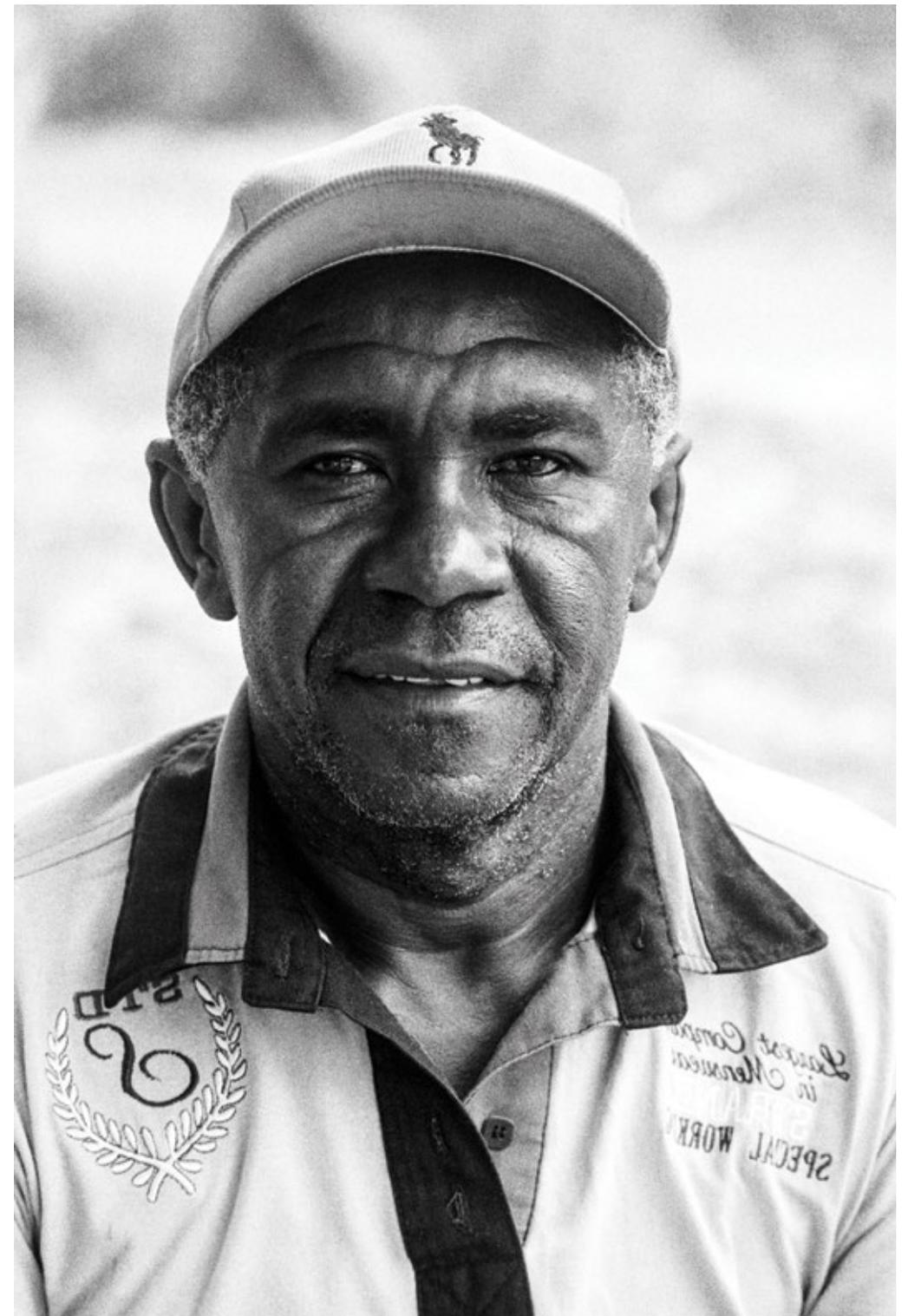


[página anterior] **Dona Roxa** |
Comunidade Quilombola
de Santa Maria dos Pretos |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

[página anterior] **Benedito** |
Comunidade Quilombola de
Santa Maria dos Pretos |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

Anselmo | Comunidade
Quilombola Vila Fé em Deus |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros





[página anterior] **Maria da Silva**
| Comunidade Quilombola de
Santa Maria dos Pretos |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

[página anterior] **Murilo, líder
comunitário** | Comunidade
Quilombola de Santa Luzia |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

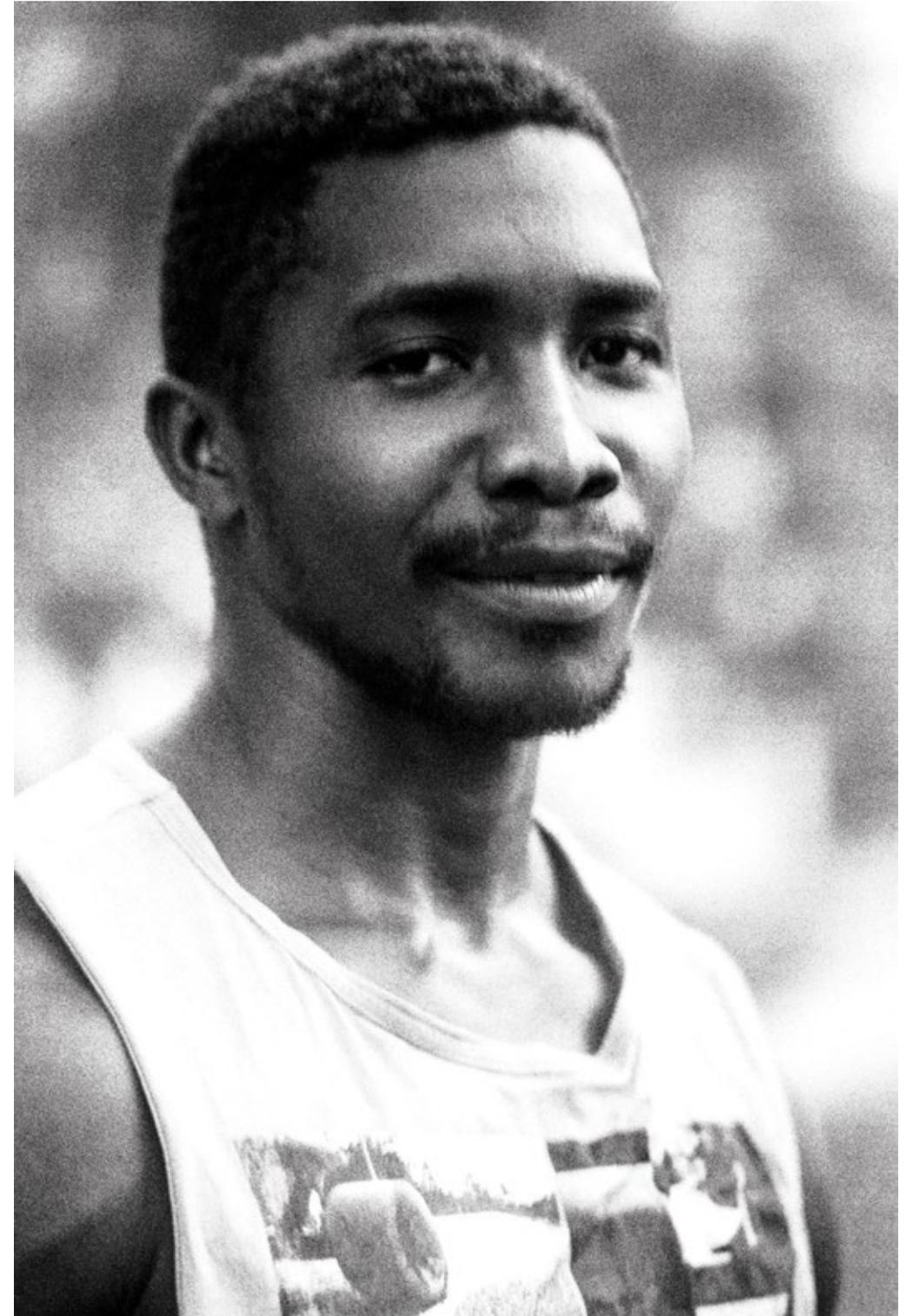
Maria da Paz | Comunidade
Quilombola de Santa Maria dos
Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros





Izabel | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

Sandro | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros



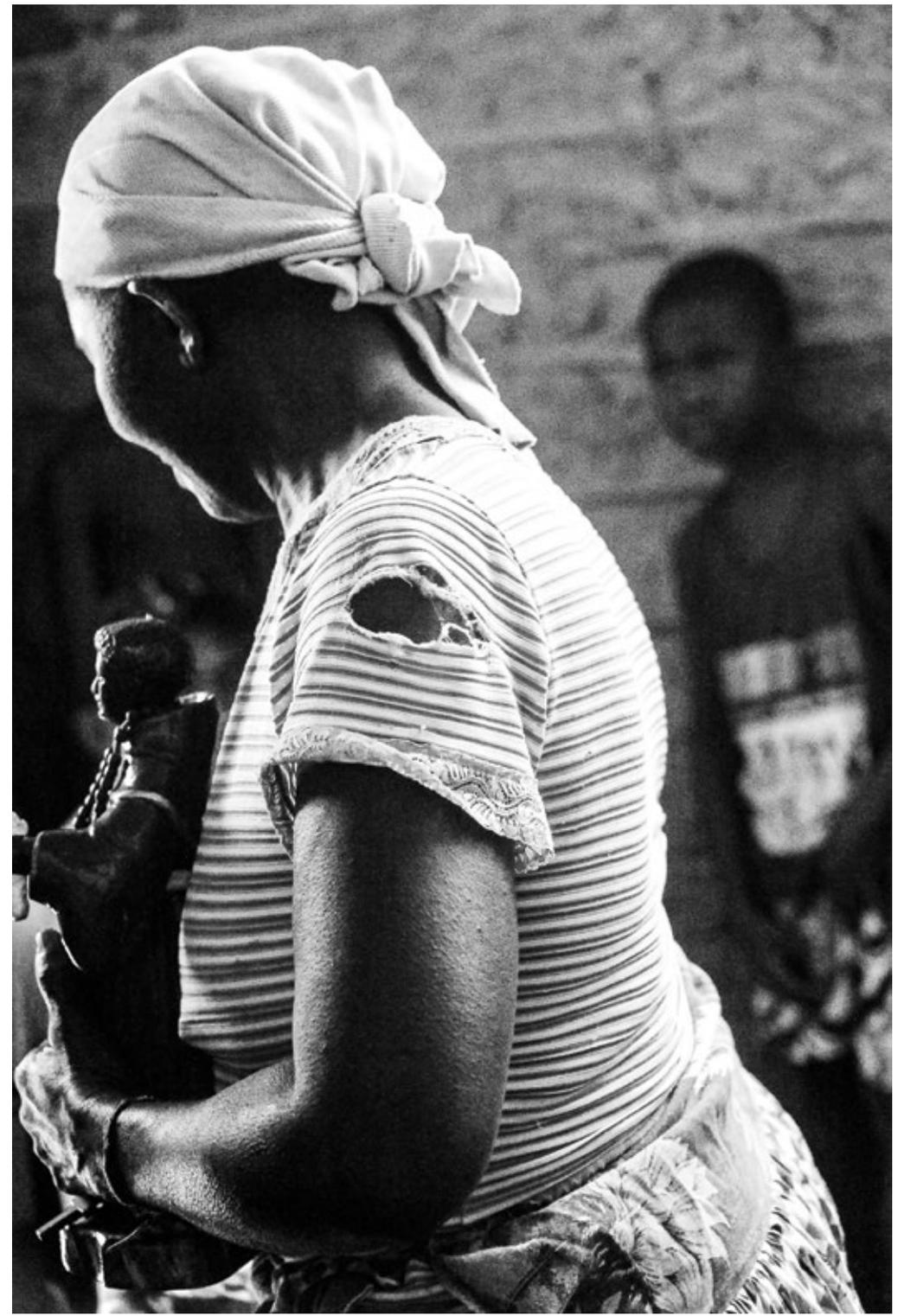


Mateus | Comunidade
Quilombola de Santa Joana |
Maranhão, Brasil, 2016 |
Fotografia: Valdira Barros

[próxima página] **Leonor** |
Comunidade Quilombola de
Santa Luzia | Maranhão, Brasil,
2018 | Fotografia: Val Barros

[próxima página] **Iolanda** |
Comunidade Quilombola de
Santa Joana | Maranhão, Brasil,
2018 | Fotografia: Val Barros

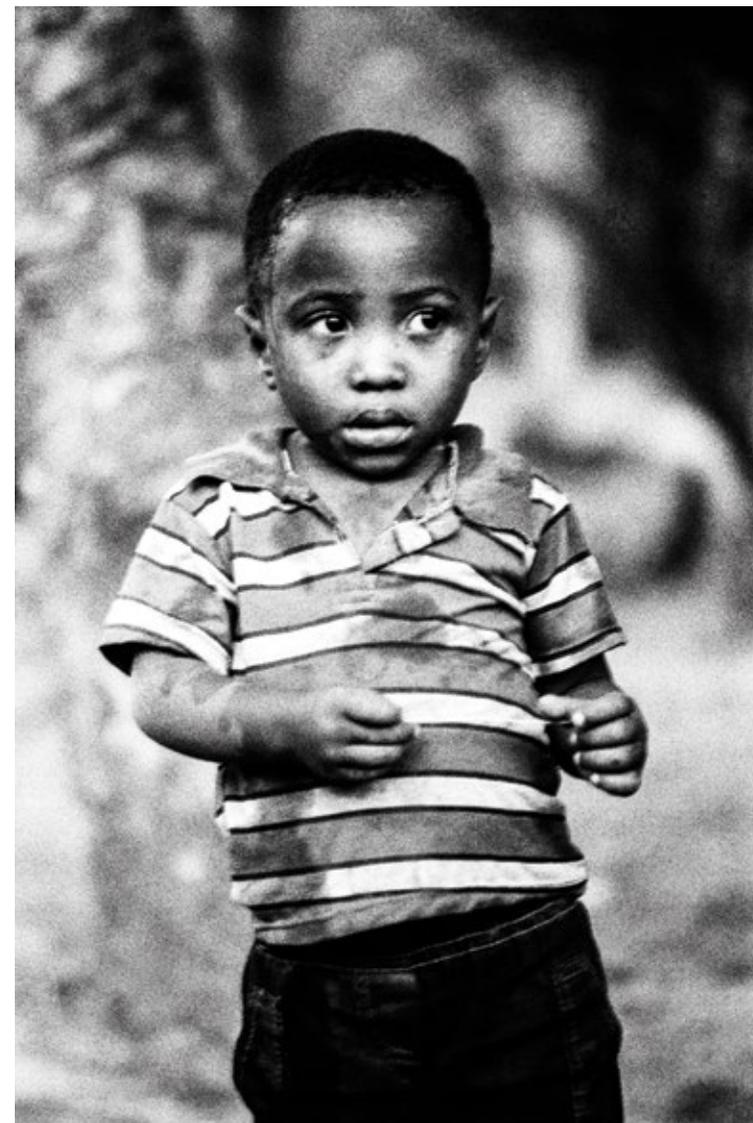




[página anterior] **João Batista, uma das principais lideranças quilombolas da região do Itapecuru** | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

[página anterior] **Tambor de Promessa para São Benedito. Festas que misturam elementos de matriz africana com o catolicismo pontuam as práticas religiosas nos quilombos** | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2016 | Fotografia: Valdira Barros

Eduardo | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros







[página anterior] **Júlia e Josielma mostram que jogar capoeira também é coisa de menina** |

Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2016 |

Fotografia: Valdira Barros

Eliete e Raylane, o brilho das meninas capoeiras | Comunidade

Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2016 |

Fotografia: Valdira Barros

Sandro e Raimundo no jogo da capoeira | Comunidade

Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 |

Fotografia: Valdira Barros



O som da orquestra de capoeira fazendo a reconexão com os ritmos ancestrais |
Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2016 | Fotografia: Valdira Barros

Maria | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2017 | Fotografia: Valdira Barros

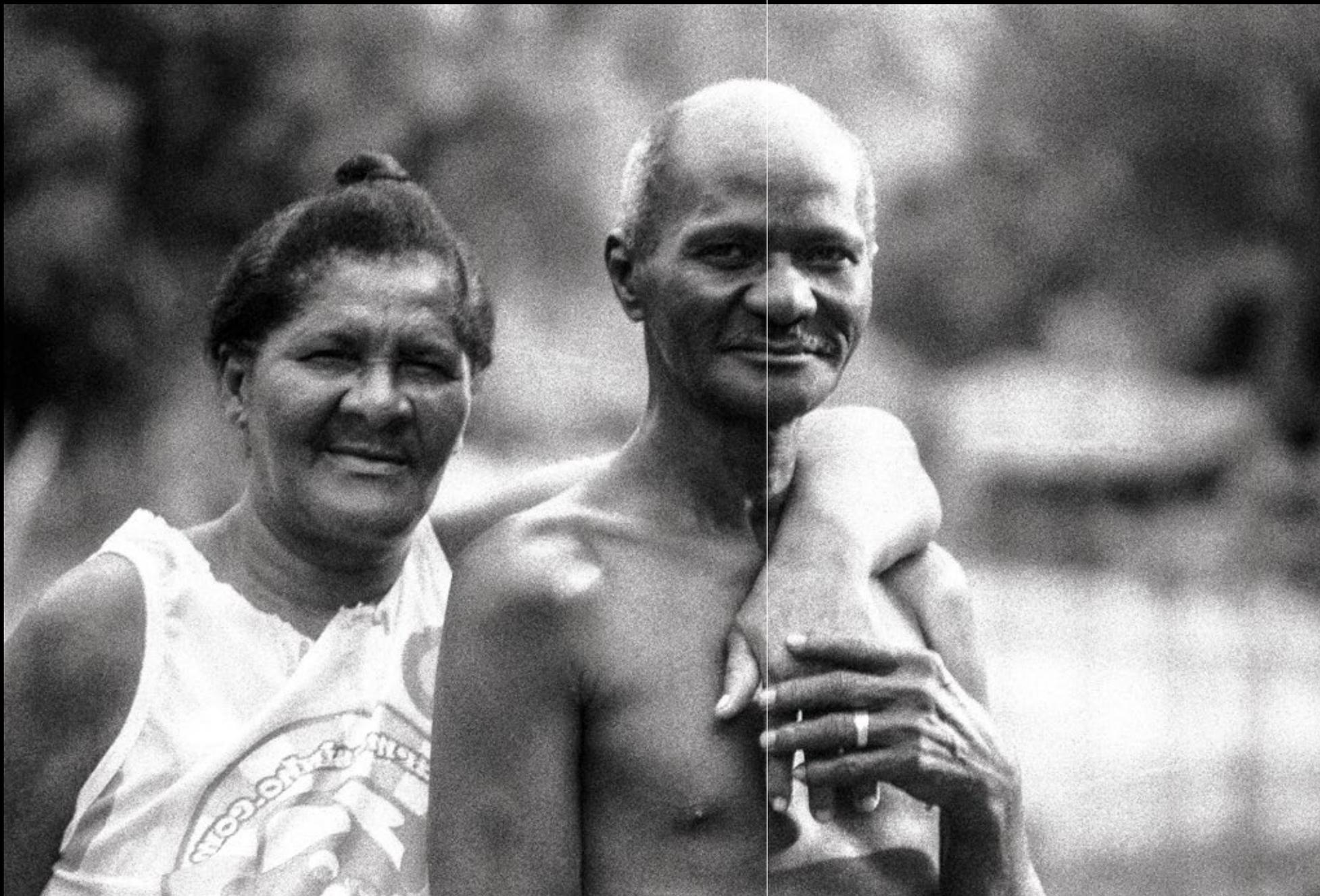




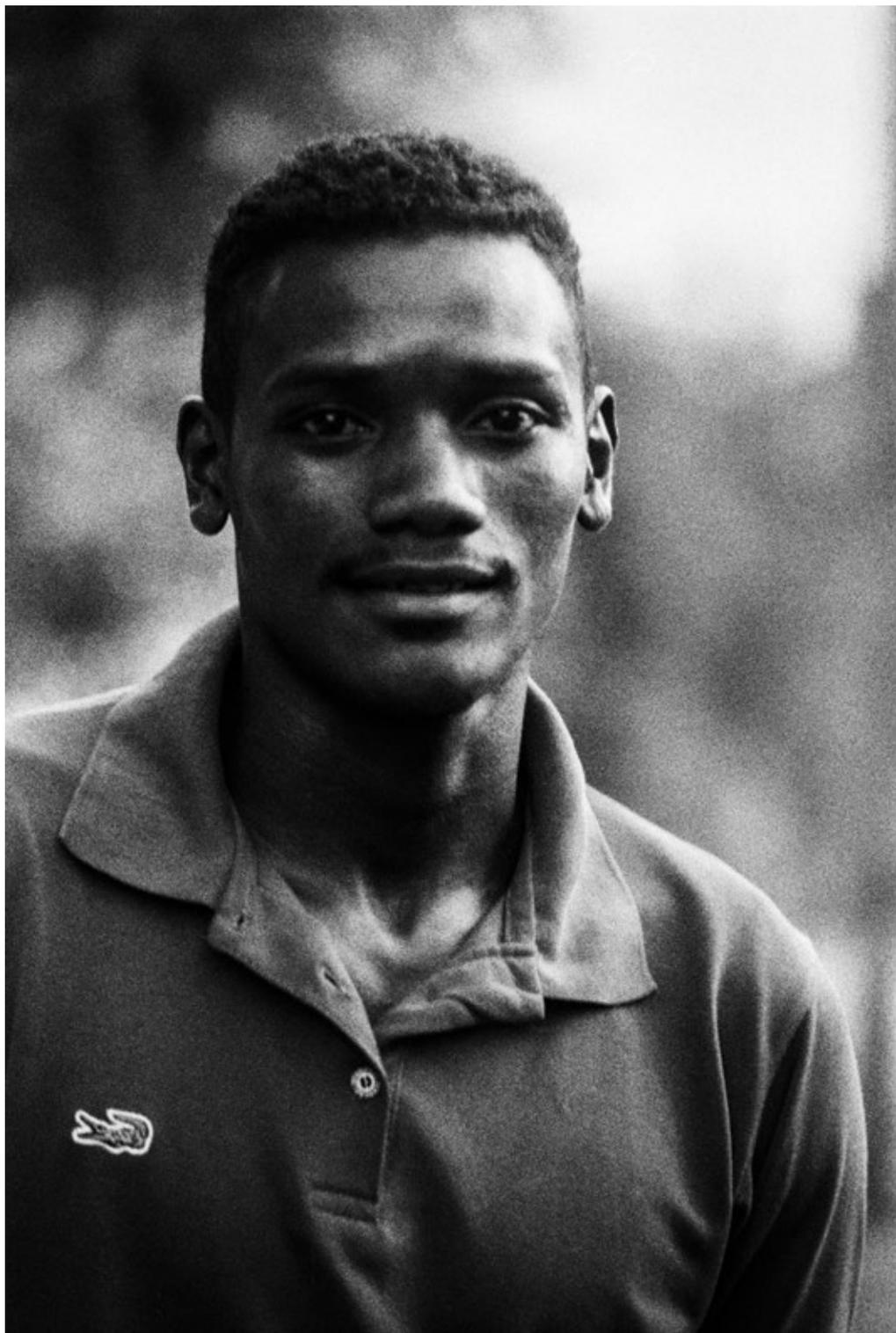
[página anterior] **Marcelo** |
Comunidade Quilombola de Santa
Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil,
2018 | Fotografia: Val Barros

[página anterior] **Maria** |
Comunidade Quilombola de Santa
Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil,
2018 | Fotografia: Val Barros

Amanda | Comunidade Quilombola
de Santa Maria dos Pretos |
Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia:
Val Barros



Izabel e Justino, assim como vários casais nos quilombos, possuem uma longa história de amor, companheirismo e trabalho | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros



Raimundo « Candica » |
Comunidade Quilombola de Santa
Maria dos Pretos | Maranhão,
Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

Alcione e filha | Comunidade
Quilombola de Santa Joana |
Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia:
Val Barros

[próxima página] **Patricia,
liderança quilombola feminina** |
Comunidade Quilombola de Santa
Joana | Maranhão, Brasil, 2017 |
Fotografia: Valdira Barros



Santana e sua filha Júlia |
Comunidade Quilombola de Santa
Joana | Maranhão, Brasil, 2017 |
Fotografia: Valdira Barros





Gracinha | Comunidade
Quilombola de Santa Joana |
Maranhão, Brasil, 2017 |
Fotografia: Valdira Barros



[página anterior] **Rayanderson** |
Comunidade Quilombola Vila Fé
em Deus | Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

[página anterior] **Gerciana** |
Comunidade Quilombola Vila Fé
em Deus | Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

Maria | Comunidade Quilombola
Vila Fé em Deus | Maranhão,
Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros







[página anterior] **Meninos tocando berimbau a caminho da aula de capoeira** | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2016 | Fotografia: Valdira Barros

Uso do tipiti no processo de produção artesanal de farinha de mandioca | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2017 | Fotografia: Valdira Barros



Mestre Bamba conduzindo a orquestra de berimbaus em apresentação da Orquestra de Berimbaus do Centro Cultural Mandingueiros do Amanhã nos quilombos | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2017 | Fotografia: Valdira Barros



Maria | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

Naiane segurando a irmã mais nova | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros





Fernanda e Daniel indo para a aula de capoeira no barracão comunitário | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2017 | Fotografia: Valdira Barros

Estefany | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros





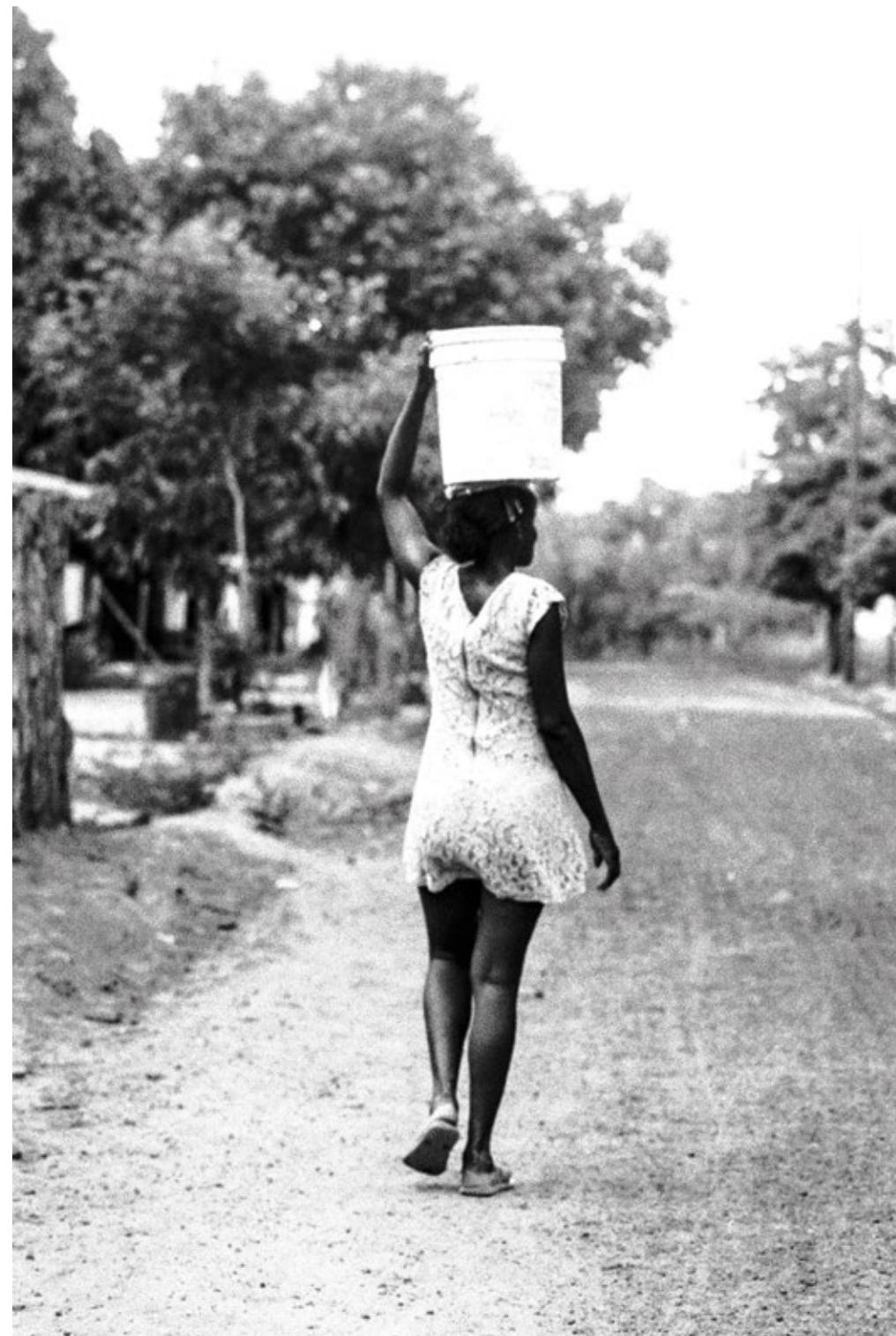
[página anterior] **Maria da Paz, Paula, Maria Silva e crianças.** Nos quilombos as unidades familiares se mesclam em uma tradição comunitária de apoio e solidariedade | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

José Raimundo e sobrinha | Comunidade Quilombola de Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros





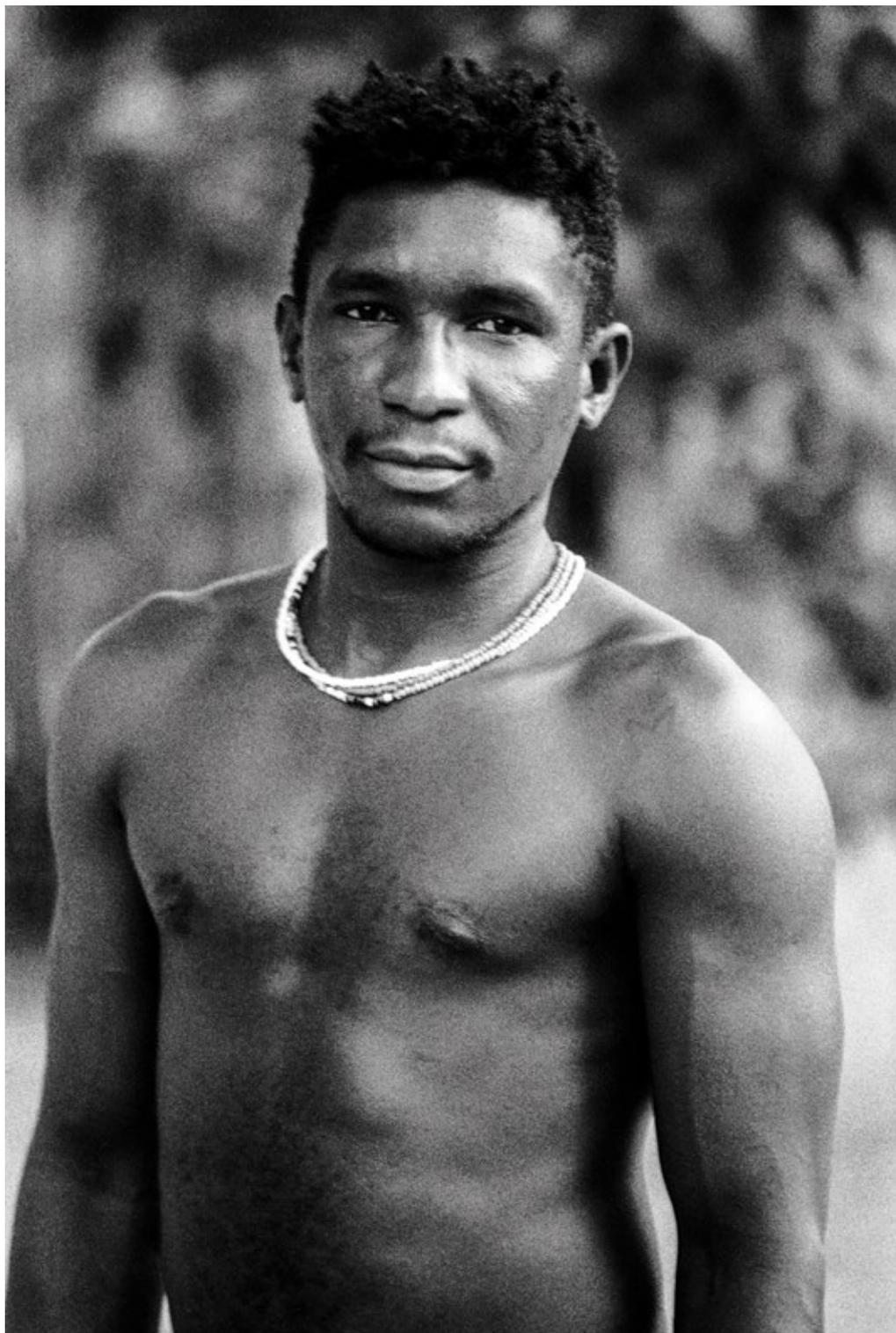
Fernanda | Comunidade
Quilombola de Santa Maria dos
Pretos Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros





[página anterior] **A falta de infraestrutura básica ainda é uma realidade no cotidiano dos moradores dos quilombos. Iolanda carregando água na cabeça para realização de afazeres domésticos** | Comunidade Quilombola de Santa Joana | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros

Maria | Comunidade Quilombola Vila Fé em Deus | Maranhão, Brasil, 2018 | Fotografia: Val Barros



Anielson | Comunidade
Quilombola de Santa Joana |
Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

Paula, Mãe de Santo.
**Continuidade da religiosidade
africana** | Comunidade
Quilombola de Santa Maria dos
Pretos | Maranhão, Brasil, 2018 |
Fotografia: Val Barros

ENGLISH TEXTS

EXPERIENCE IN THE *QUILOMBOS*

The experience of socio-educational work and contact with the families of *quilombola* communities is something deeply transformative. Over the years, after many comings and goings, from the privilege of following the changing phases of the moon in the sky during nights when the stars seemed close to us, to participating in the simple ritual of sitting by the doorsteps at the end of the day, to the celebrations that are a result of the persistent maintenance of African heritage rites, we were driven to be part of a very old kinship.

Little by little we felt ourselves plunging into a universe that called us to come inside, to perceive, to recognize the complexity of *quilombola* life. This call stimulated the deepening of our work, generating a transformation that came through the exchange of affections, the discovery of the weaving of family ties, the excitement of seeing the joy vibrating on the children's faces as they learned and recognized the sounds of the berimbau and the *ginga* of Capoeira Angola.

In this game of learning, we mixed the roles of teachers and students, guided by the local masters, experiencing a routine whose rhythm we had no control over.

The photographs that I took, which are present in this exhibition, portray scenes of the activities developed by Mandingueiros do Amanhã, as well as images of daily life in the communities. They are spontaneous records, permeated more by the emotion of the moment than by any technique or artistic concept.

Presenting them here is a way to perpetuate these moments and, at the same time, to express gratitude for having lived and having been part of the history of these communities that have taught us so much and continue to teach us through their example of struggle and resistance.

Valdira Barros
Photographer / Capoeira Master

ON BEING ORIGINAL AND ORIGINARY

*Indians are the first Indigenous of Brazil. The lands they occupy are not their property – not only because the Indigenous lands are “the Union’s [Brazil’s] lands”, but because they are the ones who belong to the land and not the other way around.*¹

— Eduardo Viveiros de Castro

Black Brazilian populations, whether *quilombolas* or not, in their diversity, are original and originary. This is true because the condition of originality is given by the conformation of a territory ruled by specific internal settings, with spatial and symbolical limits set by culture in its great movement of giving meaning to the emptiness of the world. Presently, more than ever, culture, perpetuated in its crossings by ancestry, is key to understanding and guaranteeing the basic rights of citizenship in a country that was made and still stands on a colonial foundation against the citizens. Simply, for all of those who have their right to exist disrespected every day, resistance is only possible by generating, originally, new forms of being in the world through a new culture. That is, to be in.

The white person, on the other hand, cannot be considered originary in this context, because, for being in the center of what was established as hegemonic, the white person stood outside and conducted the alienating order towards the planet, becoming, as Viveiro de Castro puts very well, an alien on the territory. Aliens do not produce culture.

Usually, when the word “originary” is used, we immediately think about the Indigenous communities and peoples that were here before the invasion of European colonizers. This is an undeniable fact. Originally, the people who lived in the lands of what we call Brazil were these peoples who, in other times, gave their own names to them, that is, gave them meaning through culture. However, when we get to the turning point, which is colonial and, therefore, criminal, the concept of origin takes on new forms and purposes in narratives of resistance. Thus, it would not be prudent to consider origin only as a fixed point in time and space, if we consider the human capability of organizing the world. Before, origin is the pendular confluence between originating and being originated, original, and originary, that is, the movement of metamorphosis that is necessary for the maintenance of life. Everything that goes against the fostering of life cannot be considered originary, because its goal is death in its most morbid sense, with no gaps or cracks where movement can happen. When there is paralysis, it is impossible to originate. Not by chance, Indigenous peoples [in Brazil] are called and call themselves originary, insisting in producing original life, despite the assaults and genocides they faced – and still face – throughout history.

Integrating the origin into the desires and movements of the culture that is ancestrally passed on broadens the spectrum of analysis, generating other perspectives to rethink the foundations of the world, from the rise to the fall of the

instances of the state, of the nation, and, overall, to help understand the devices that are used towards the alienation of originality. Hijacking these ideological devices is not an easy task and demands a critical look at the forms of construction based on violence and theft, as well as the identification of what are our rights, whether concerning the physical or the symbolic territory. It is necessary to find the point of inflection of the *originary* and *original* instances.

The movement of appropriation and invalidation of originary populations happened, mostly, through a single device of alienation: the colonial understanding concerning territory and sovereignty. What does it consist of? Projecting and extending to everyone and everything a centered, universal, and generalizing vision about the world. That is, in the colonizer's strategy, the existence of subjects and things can only be possible through a single point of reference: that of the ruler. The rejection of any divergent symbolic field guaranteed, thus, the appropriation of the land and the bodies of those who had their autonomy plundered. The separation of instances, from a synthetic point of view, disregarded strategically the possibility of the existence of other notions on what the territory would be to the detriment of an idea of sovereignty. For thinking himself sovereign, the colonizer, through the instrumentalization of a theological view, intended to hijack the origin, since *a priori*, he detains it by right, as a deified being. The origin is me, thinks the colonizer. < *God Save the Queen* > is carved on the bills and coins.

Nowadays, the colonizing state sovereignty does not come by caravel anymore. It perpetuates itself in the shape of sovereign capital – a god that does not ask for permission or forgiveness, it swallows lands, malnourishes, explores. Thus, advocating for other realities is deeply necessary. Placing Black populations as originary, along with the many Indigenous peoples, riverside communities and other populations that are constantly targeted by the power, is a way of recovering the place of origin, as well as showing the gap, the alternative.

THE TERRITORY

The modern eurocentric world is based on the limits of enclosure in a dual sense: first, everything that was inside the territorial and juridical limits of the conglomerate of countries that recognized themselves as sovereigns worked as a standard of civilizing evolution and progress. For whatever was outside this scope of recognition, there was only left the opposite discourse – no man's land, primitive, uncivilized, wild, archaic land – which guaranteed free conquering justified by the advancement that would only be possible, evidently, through the naturalization of violence outside the territorial limits of the invader, a behavior that would absolutely not be allowed, by law, back in their homes. The proverbial outside allowed the ones inside to let loose their vilest desires and behaviors, since they were beyond the limits of the naturally recognizable, even more so if we think about the notion of faceless sovereignty of

the nation state. The conflict did not have a face, because it was about the sovereign order associated with the territory. Portugal did not establish relationships with the *Indians*, because that was not the goal of the *discovery*. As a result, in both cases, Indigenous peoples and Black peoples had their lands desecrated and, as *outlaws*, had their bodies kidnapped and enslaved. By the end of it, although the course of history for the many originary peoples of the land has been distinct among the victims, every non-white person was amputated at the basis of their existence. In their relationship with the land, they were taken away from their context, pushed away, deterritorialized.

For conceiving the territory concretely as a domain, through the framework of productivity and accumulation, as the extension of the Kingdom and the nation state, under law, the portuguese colonizer, using the narrative's naturalizing device to guarantee their takeover, *discovers* the territory, instead of invading it. Or, concerning the handling of relationships with Africa, founds trading posts, which always put the other under the dominator, in the course of the formulation of civilizing notions flow end up very quickly into the concept of progress, having the *degree* of expressed cultural development as a basis, among other forms, in the occupation of space. This perspective on the land certainly is not the same of its true holders. In the Brazilian context, vast extensions of the land where split into ideal private properties for the State, which ignored and expelled, *through faith*, who *naturally* did not belong

to it; or enlisted subjects, determining how and the place they would occupy in the Kingdom. As an extension of the territory, these bodies also suffered the butchering and, such as the lands, had their flesh marked. The imposition of sovereignty to the territory meant also the prescription of the *nomos*, that is, the *ethos* that determined what happened at the colonial territory's core so it would go on as such (hence the perverted notion of patrimony *pater + nomos*).

The last blow was dissociating body/territory, alienating subjects from the spatial foundation of their origin. This opposition says a lot about the scale and the form of operation directed to the territory, which makes us think about the spaces of origin. On the one hand, we have the one who is separate, outside, and extracts, subjects, and deconstructs – *owner of the land*; on the other hand, the one who is inside and builds the complex, mythical and original understanding of the territory – *property of the land*.² On the one hand, the exploration, exhaustion and scarcity of resources, on the other hand, the production of the most varied meanings from the land in which one lives and walks on, abundance and culture generation, since *culture*, in its Latin origin, means *care*.

Thus, when *quilombolas*, Indigenous peoples, riverside communities, *favelados* and others claim their territorial properties, specially in a world based on the discourse of human rights, they do so not only seeking to accommodate themselves and retrieving the basic rights of the *citizenship* that is only granted to them at a terribly high cost,

but also for the possibility of existence. They claim authorship over the creation of the meaning of the land which defines them, claim the value of experiences – lands and lives that do not fit into the imposed *nomos*, even more so when it is determined specifically so they will not fit, so they will stay at the margins. Thus, the claim is for the conditions of *originarity* and originality of the people who, in a symbiotic movement with the earth, build it and are built by it, having *culture* as a basis.

THE CULTURE

Brazilian culture is essentially Black and Indigenous. For the ones who insist on saying otherwise, let us name a series of expressions and products that were chosen to define the image of the Nation and, for being made through work, were originated by the working classes, most of which consist of Black and Indigenous populations.

In gastronomy, we have *tapioca*, *beiju*, *farofa*, *cusuz*, and *cuxá*... fish cooked on the *moqué*, *moqueca*, *acarajé*, *vatapá*, *caruru*, *tucupi*, *tacacá*, *pirão*, *chimarrão*, *maniçoba*, *feijoada*, *galinhadas*, including *xinxim*, and also *bobó*, *sarapatel*, and *abará*... coconut desserts, *pamonha*, *goiabada*, fruit compotes... *tapioca*, *carimã*, and *fubá* cakes, *paçoca* and *mungunzá*. The list goes on, making it very clear who are the ones who produce abundance.

In music, there are not only songs with the most elaborate lyricism and melody, but also the musical genres, rhythms and movements: samba, Brazilian funk, *carimbó*, *frevo*, *forró*, *xaxado*, *xote*,

baião, and *maracatu*, and also *ciranda* and *axé*. These examples had only the great: as their composers and singers: Alcione, Jovelina Pérola Negra, Dona Ivone Lara, the irreplaceable Clementina de Jesus, the crystalline Clara Nunes. We have Ângela, Dolores, Dalva, Alaíde, Elizeth and the woman at the end of the world – Elza... we have Gil, Milton, Jorge Ben, Djavan. We have Tim Maia and Moacir Santos. We have Cartola, Luiz Gonzaga, Lupicínio and Jamelão... Nei Lopes... We have Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, and Carlos Gomes, who wrote the most famous Brazilian opera, not by chance, *Il Guarany*.

Among writers, Maria Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Cruz e Souza, Solano Trindade, Lima Barreto, Castro Alves, Abdias Nascimento, Conceição Evaristo, Daniel Munduruku. We have the great Machado de Assis. All of them classics, for they persisted over time. And the freedom thinkers: Luís Gama, Milton Santos, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento. We have Eliane Potiguara and Taiguara... David Kopenawa and Ailton Krenak.

In visual arts, fine arts and photography, we have: Arthur Timótheo da Costa, Estevão Silva, Wilson Tibério, Rubem Valentim, Di Cavalcanti, Mestre Didi, Emanuel Araújo, Bauer Sá, Rosana Paulino, Sonia Gomes, Maria Auxiliadora, Walter Firmo, Heitor dos Prazeres. Arthur Bispo do Rosário... We can also not forget those who founded Brazilian Baroque, unique in the world, because it is Black: Aleijadinho, Mestre Valentim, Mestre Ataíde, and others that were erased by the biased historic writing.

Indigenous art, due to its refinement, is a category by itself!

And all of this is crowned by popular artists and poets, often nameless, but who created the *cordéis*, *modinhas*, popular dances and celebrations such as *Jongo*, *Congado*, *Bumba-Boi*, *Marujada*, *Cavalo Marinho*, *Ticumbi*, the *Reisados*, the *Cavalhadas*, very much based on the popular faith that transforms the foundations of the established church, as happens with popular Catholicism. These festivities also make up the Afro-Brazilian religions, created in the *national territory*, based on the displaced experience of many peoples, such as *Umbanda*, *Candomblé* and all its nuances, *Quimbanda*, *Terecô*, *Mina*, *Batuque*, *Santo Daime* and a thousand other religious aspects based on rites, images, and entities, results of the encounter with what comes from the earth.

This entire universe is also impacted by material production, ways of seeing and transforming the world from the materialization and use of things, conferring beauty. The handicrafts of lace, embroidery, weaves, leather work, carpentry... nautical work... a thousand architectural solutions... the patchwork of a quilt that covers bodies in the production of resistant life.

Carnival and football, my god, how could anyone forget.

Due to the injustice of urgency, it would be impossible to name all the contributions that do not cease to emerge, since the will to exist, in the working class and, therefore, in essentially Black and Indigenous populations, converges with the need to produce culture. It is an eternal

process of originating one's own place, making oneself originary.

Culture is, thus, the instrument of reclaiming and interlocution with what is established, within the possibilities of movement in a conformed world. A movement of conformity, but of resistance, in a tragic mold, as Marilena Chauí puts so well.³

Lastly, culture carries ancestry, a concept with a complex definition, but which, here, we will consider as the impression of the world created by memory, in and through the flesh. It was through living memory that the populations displaced from their place were able to create, recreate, found, and originate an Afro-Indigenous-Brazilian culture. If we understand that bodies full of meaning crossed the Atlantic and established themselves in a new territory, amidst urgency, while basing themselves on their ancestry, we will understand where the originality and *originarity* of the Black community resides in the foundation of what we call a country. We will understand that a world has been resignified from the land and from the experience on said land.

The concept of origin, today, must be the concept of resumption. *Originality* and *originarity* need to be claimed by all originating peoples, that is, those who found and built another perspective of the world with hands and thoughts anchored in ancestry. As a touchstone of discourses of resistance, the concept of origin is only possible in the movement, taking as a reference the exact situation of another moment that was not the actual origin,

but rather a fictitious origin, a criminal breach based on the violation of bodies and alienation of the worlds and the *a priori*. There is, in rescuing the sense of origin, the revival of the struggle while considering another narrative order. Resuming the mythical and historical constructions, narrated and written by agents hitherto alienated from the imposed discourse, means a possibility of rescuing the actual senses of originality, territoriality, and sovereignty.

It is evident that the *quilombo*, the *favela*, the *maloca*, the stilt houses, the communities, and villages have their own histories and diverse lives: it is only possible to originate within this broad spectrum, and, therefore, to plant our feet in the ground, as holders of the culture and territory that are daily swallowed up by the one-way state.

Gabriel Gutierrez
São Luís, December 2022

1 CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Os Involuntários da Pátria*, Aracê – Direitos Humanos em Revista, Ed. Cla, São Paulo, 2017.

2 *Idem*.

3 CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

QUILOMBOLA PORTRAITS

The exhibition « Retratos Quilombolas » [*Quilombola Portraits*] was born from the desire of meeting people, souls, and landscapes which say much about who we are and which hold a great part of the richness of Brazilian identity.

It was born from the desire to step on the soil of these red slate territories, babassu groves where work songs resonate during the breaking of the babassu coconut, territories where people come together to make cassava flour, where voices sing melodies during the promise celebrations, territories with *tambor de crioula* and *dança do coco* circles, evoking songs that refer to other times and places.

The strength of the *quilombola* territories is sustained by concrete material elements, which show us a way of life anchored in the work connected to the land, but also by immaterial elements constituted by energies sustained by the powers found in plants, in the forest, in the rivers, and by a spirituality that dwells in unspeakable spaces.

The genre of photography classified as portrait was and still is commonly used as a reference for the identity of the photographed person. For a long time in Brazil, especially for many rural populations, the experience of photography meant « taking a portrait », that is, to be photographed with the goal of producing an image for an official document, usually a work card or identity card.

The photographs of enslaved people taken in Brazil with the advent of photography in our country show images marked by a perspective influenced by

Eurocentrism, portraying these people as fixed « pieces », frozen, isolated from their life context, often with a touch of excessive exoticism. The photographed were deprived of their right to smile and express themselves spontaneously.

Currently, in a context in which black rural *quilombola* communities have to fight permanently for their historical right to existence, the images that make up this exhibition are testimonies of looks, expressions that hold a transmuted force in the desire to preserve their territories and their particular identities.

To come out of « invisibility » becomes increasingly crucial in a moment when public policies regarding Brazilian traditional communities are under attack, and photographs can contribute to this feat.

The photographs proposed in this exhibition are an invitation to an encounter, a dialogue between perspectives: the perspective of those who photographed, the perspective of those who look, and the perspective of those who are looked at.

The exhibition is composed of 51 images, including a set of portraits taken by me especially for this exhibition, and a series of photographs taken by Valdira Barros, portraying the experience of the Capoeira Angola projects developed by Centro Cultural Mandingueiros do Amanhã in the *quilombola* communities of Santa Maria dos Pretos, and Santa Joana, both located in Vale do Itapecuru, Maranhão, Brazil.

Val Barros
Photographer and Curator

CAPTIONS

[page 22] **Daniel** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 25] **Cauã** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 26] **Justino** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 27] **Eudes** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2016 | Photo: Valdira Barros

[page 28] **Edvania** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 30] **Rodrigo** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 32] **Dona Roxa** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 33] **Benedito** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 35] **Anselmo** | *Quilombola* community Vila Fé em Deus | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 36] **Maria da Silva** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 37] **Murilo, community leader** | *Quilombola* community of Santa Luzia | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 39] **Maria da Paz** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 40] **Izabel** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 41] **Sandro** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 42] **Mateus** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2016 | Photo: Valdira Barros

[page 44] **Leonor** | *Quilombola* community of Santa Luzia | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 45] **Iolanda** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 46] **João Batista, one of the main quilombola leaders of the Itapecuru region** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 47] **Tambor de Promessa para São Benedito. Celebrations that mix elements of African matrices with Catholicism are present in quilombos' religious practices** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2016 | Photo: Valdira Barros

[page 49] **Eduardo** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 50] **Júlia and Josielma show that playing capoeira is also a girl thing** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2016 | Photo : Valdira Barros

[page 52] **Eliete and Raylane, the glow of the capoeira girls** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2016 | Photo: Valdira Barros

[page 53] **Sandro and Raimundo playing capoeira** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Valdira Barros

[page 54] **The sound of the capoeira orchestra reconnecting with ancestral rhythms** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2016 | Photo: Valdira Barros

[page 55] **Maria** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2017 | Photo: Valdira Barros

[page 56] **Marcelo** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 57] **Maria** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 58] **Amanda** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 60] **Izabel and Justino, like many couples in the quilombos, share a long history of love, companionship, and work** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 62] **Raimundo « Candica »** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 63] **Alcione and her daughter** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 64] **Patrícia, quilombola leader** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2017 | Photo: Valdira Barros

[page 67] **Santana and her daughter Júlia** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2017 | Photo: Valdira Barros

[page 68] **Gracinha** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2017 | Photo: Valdira Barros

[page 70] **Rayanderson** | *Quilombola* community Vila Fé em Deus | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 71] **Gerciana** | *Quilombola* community Vila Fé em Deus | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 73] **Maria** | *Quilombola* Community Vila Fé em Deus | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo : Val Barros

[page 74] **Children playing berimbau on their way to capoeira class** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2016 | Photo: Valdira Barros

[page 76] **Use of the tipiti [straw press] in the process of artisanal production of cassava flour** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2017 | Photo: Valdira Barros

[page 78] **Mestre Bamba conducting the Centro Cultural Mandingueiros do Amanhã's berimbaus orchestra in a presentation in the quilombos** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2017 | Photo: Valdira Barros

[page 80] **Maria** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 83] **Naiane holding her younger sister** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 84] **Fernanda and Daniel going to their capoeira class in the community shed** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2017 | Photo: Valdira Barros

[page 85] **Estefany** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 86] **Maria da Paz, Paula, Maria Silva and children. In quilombos, the family units blend together in a community tradition of support and solidarity** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 89] **José Raimundo and his niece** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 90] **Fernanda** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 91] **The lack of basic infrastructure is still a reality in the daily lives of quilombola residents. Iolanda carrying water on her head to perform household chores** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 92] **Maria** | *Quilombola* Community Vila Fé em Deus | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo : Val Barros

[page 94] **Anielson** | *Quilombola* community of Santa Joana | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

[page 95] **Paula, Mãe de Santo [Iyaloriça]. Continuity of African religiosity** | *Quilombola* community of Santa Maria dos Pretos | Maranhão, Brazil, 2018 | Photo: Val Barros

Val Barros
Valdira Barros

Curadoria
Curator
Val Barros

Coordenação Artística
Artistic Coordination
Gabriel Gutierrez
Deyla Rabelo

Expografia
Exhibition design
Claudia Afonso

Iluminação
Lighting Designer
Calu Zabel

Comunicação Visual
Visual Communication
Flávia Nalon
Fábio Prata

Produção
Producers
Alex de Oliveira
Pablo Adriano
Samara Regina

Fotografia
Photography
Clarissa Vieira

Tradução
Translation
Bruna Barros

Montagem
Installation
Diones Caldas
Fábio Nunes Pereira

CENOTECNIA
SCENOGRAPHY

Pintura
Painter
Gilvan Brito

Elétrica
Electrician
Jozenilson Leal

Serralheira
Metalwork
José de Souza Cantanhede

Marcenaria
Woodwork
Edson Diniz Moraes

Centro Cultural Vale Maranhão

Direção
Director
Gabriel Gutierrez

Assistência de Direção
Assistant director
Deyla Rabelo

Coordenação do Programa Educativo
Coordination of the Educational Program
Ubiratã Trindade

Educadores
Educators
Alcenilton Valério
Correa Reis Junior
Erick Araújo
Maeleide Moraes Lopes

Estagiários do Programa Educativo
Interns of the Educational Program
Amanda Everton
Carlos Eduardo Carvalho
Gabriel dos Anjos Costa

Coordenação de Comunicação
Communication Coordination
Edízio Moura

Fotografia, Design e Assistência de Comunicação
Photography, Design and Communication Assistance
Clarissa Vieira

Coordenação de Produção
Production Coordination
Alex de Oliveira

Produtores
Producers
Pablo Adriano Silva Santos
Samara Regina

Coordenação Financeira
Financial Coordination
Ana Beatris Silva (Em Conta)

Financeiro
Finance
Tayane Inojosa Barbosa

Administrativo
Administration
Ana Célia Freitas Santos

Recepção
Reception
Adiel Lopes
Jaqueline Ponçadilha
José de Ribamar
Pinheiro Ferreira

Zeladoria
Janitorial Services
Fábio Rabelo
Kaciane Marques
Luzineth Nascimento
Rodrigues

Manutenção
Maintenance
Yves Motta (supervisão geral)
Gilvan Brito
Josenilson Leal

Segurança
Security
Raimundo Vilaça
Izaías Souza Silva
Raimundo Bastos
Carlos Roberto Rocha



Presidente do Conselho de Administração
Chairman of the Board of Directors
Luiz Eduardo Osorio

Presidente do Conselho Fiscal
President of the Audit Board
Rodrigo Lauria

DIRETORIA EXECUTIVA
EXECUTIVE BOARD

Diretor Presidente
CEO
Hugo Guimarães Barreto Filho

Diretora Executiva
Executive Director
Flávia Martins Constant

Diretora
Director
Christiana Saldanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Retratos quilombolas = Quilombola portraits /
organização Deyla Rabelo, Gabriel Dozzi Gutierrez ;
tradução Bruna Barros ;[fotografias Val Barros,
Valdira Barros]. -- 1. ed. -- São Luís, MA : Centro
Cultural Vale Maranhão, 2023.

ISBN 978-65-996897-2-7

1. Comunidades quilombolas 2. Fotografias
3. Maranhão (Estado) - Aspectos culturais
I. Rabelo, Deyla. II. Gutierrez, Gabriel Dozzi.
III. Barros, Val. IV. Barros, Valdira. V. Título:
Quilombola portraits.

23-150341

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

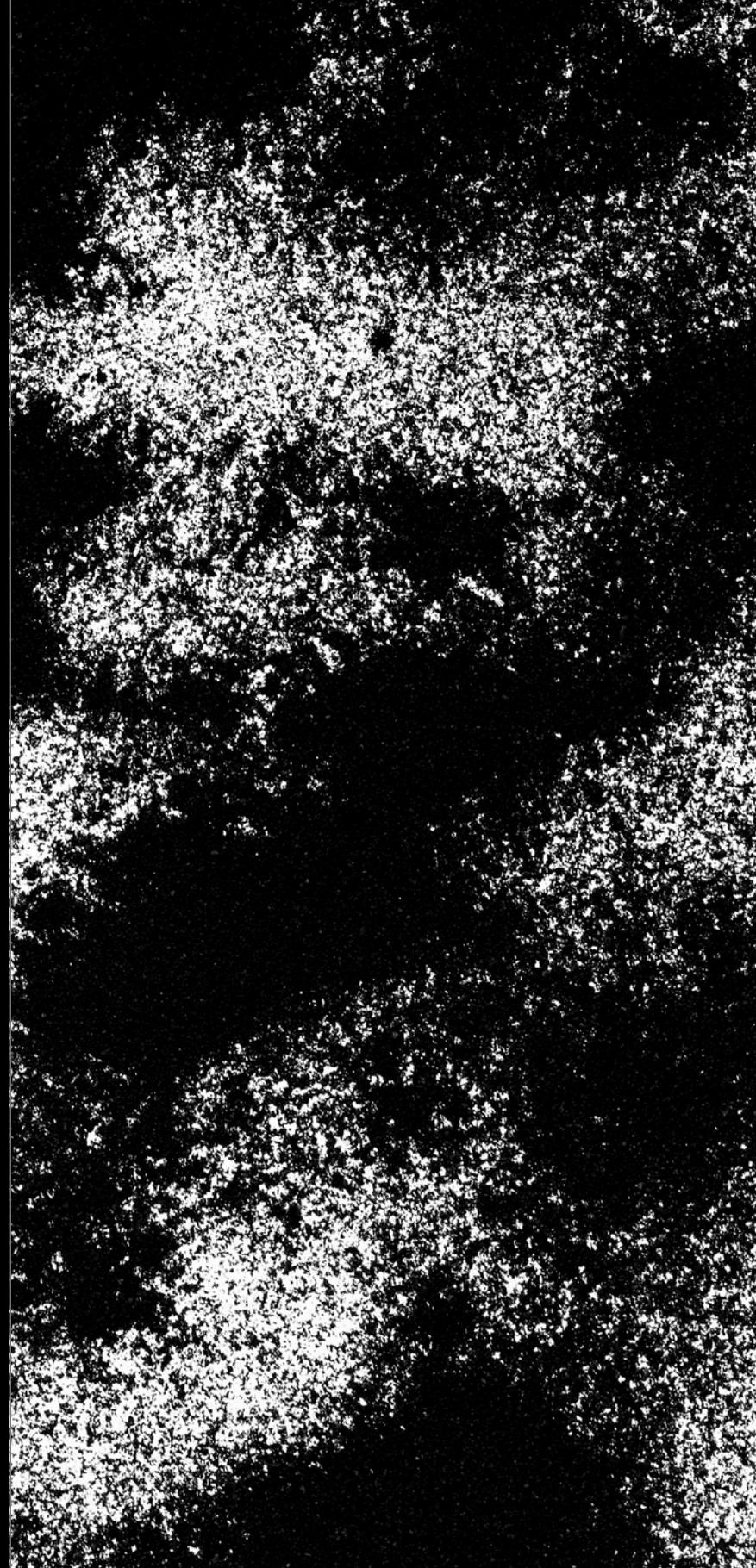
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

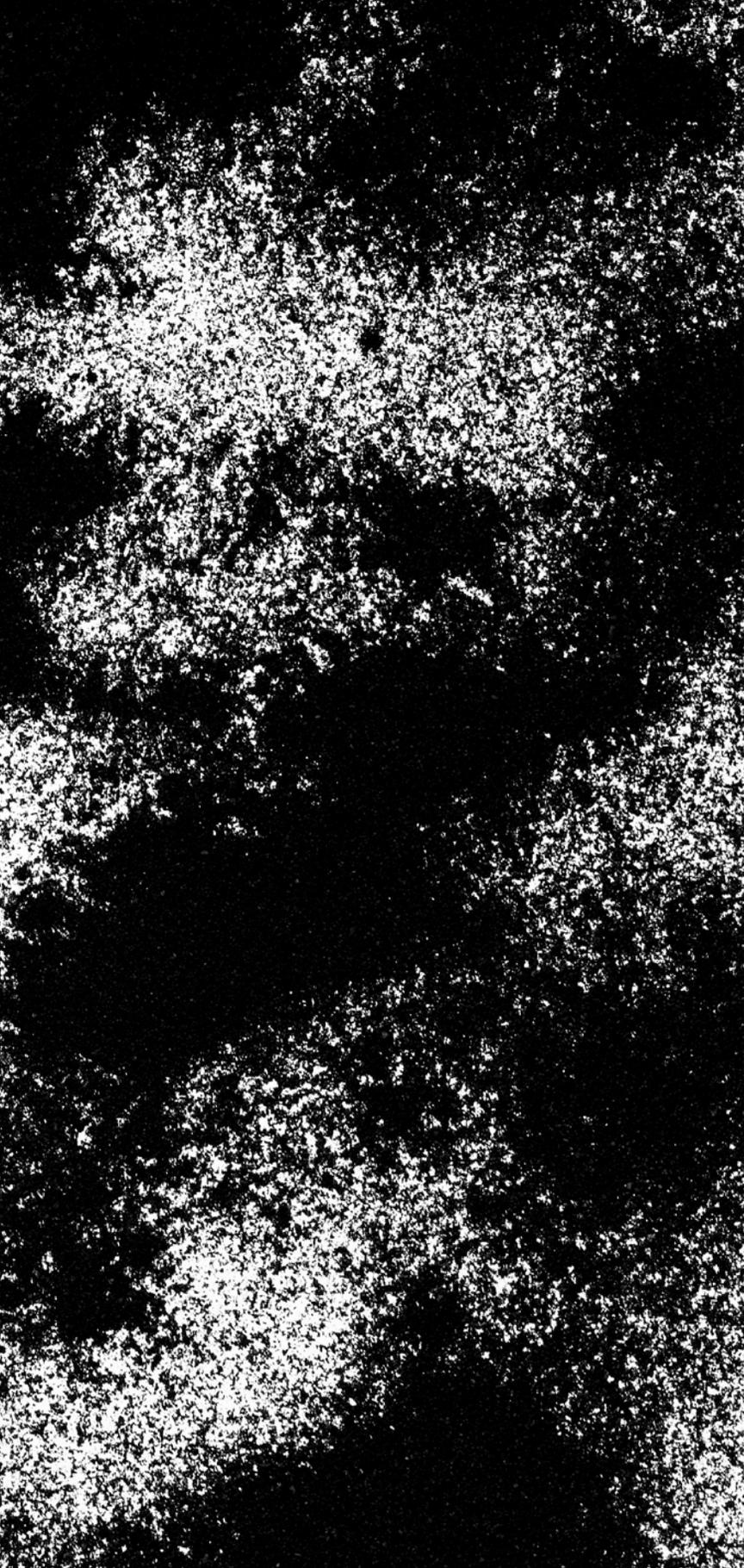
Projeto Gráfico e Diagramação
do Catálogo *Catalogue Design*
ps.2 arquitetura + design
Flávia Nalon, Fábio Prata

Impressão *Printing*
Athalaia Gráfica e Editora

Tipografia *Typeface*
Vale Sans

Maio, 2023 May, 2023





Iniciativa



INSTITUTO
CULTURAL
VALE

Patrocínio



VALE

Realização

Centro
Cultural Vale
Maranhão

MINISTÉRIO DA
CULTURA

